

REVISTA MENSAL

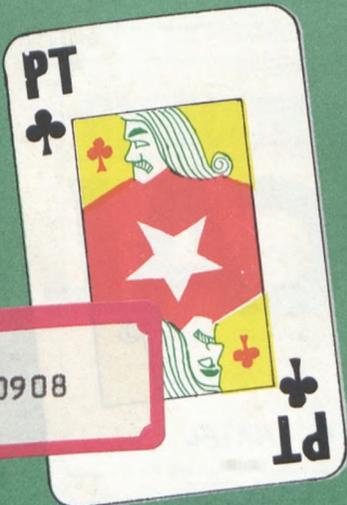
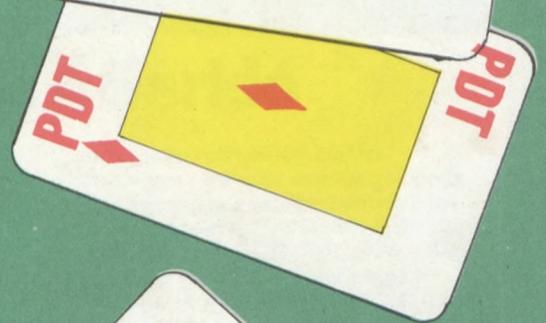
RN ECONÔMICO

SERIDÓ
EM FESTA

ANO XVI • N.º 166 • JULHO/85 • CR\$ 3.000

POLÍTICA

AS CARTAS NA MESA



**Vilma Maia:
"Vou à luta
sem medo"**

Tropical

Com uma pequena verba aqui
você faz um grande carnaval.

Nós estamos investindo firme em material humano.

Estamos no ar com novos e modernos equipamentos.

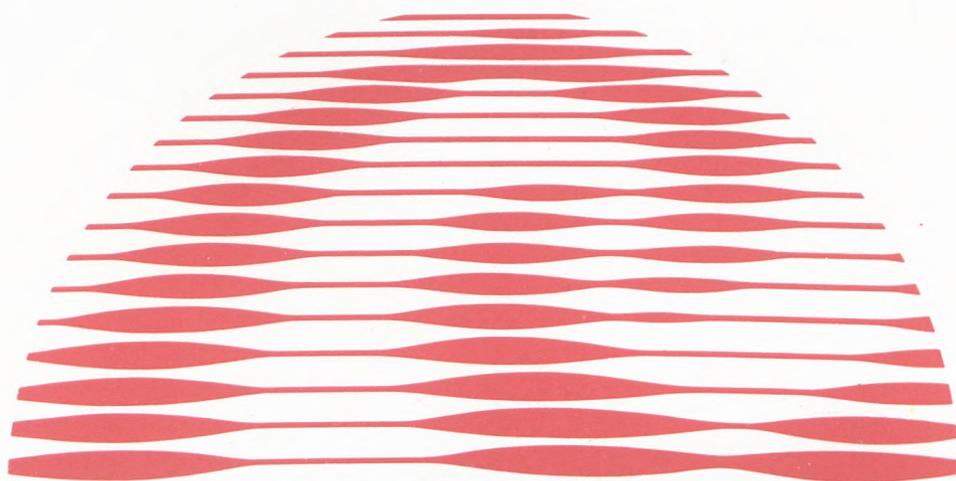
Estamos fazendo de cada programa um momento de prazer para as diversas camadas sociais que formam o universo dos nossos ouvintes.

Os resultados, até agora, têm sido animadores. E em breve serão melhores ainda.

Tudo isso, claro, interessa a você, anunciante. Porque quem investe em propaganda tem direito a um retorno, espera mais lucro nos seus negócios.

Na Tropical, seja qual for o tamanho de sua verba, esse retorno existe. Pergunte a quem tem anunciado conosco nestes últimos tempos.

E faça como muita gente boa está fazendo: aposte no dinamismo e no talento da Rádio Tropical.



RÁDIO TROPICAL

ESTADO

A proposta de Vilma Maia	8
Eleição municipal	
movimenta vereadores	14
Uma corrida para	
o «bonde da história»	17
A campanha das ruas	20
A força e a festa do Seridó	28
A disputa política em Caió	30
Jardins de infância	
invadem os bairros	32
A história do PCB	34
O estigma de ser comunista	37
Indústria de doces	
enfrenta dificuldades	38
Artigo usado, a	
novidade do momento	40
A permanente luta	
dos bancários	41
É tempo de andar de lancha	42
Ambulâncias e circos a	
serviço da saúde	43

ARTIGOS

Albimar Furtado	7
João Bezerra Junior	24
Ney Lopes de Souza	31
Economia	48
Esporte	50

SEÇÕES

Homens & Empresas	4
Cartas & Opiniões	6
Cultura	44
Agenda do Empresário	49

HUMOR

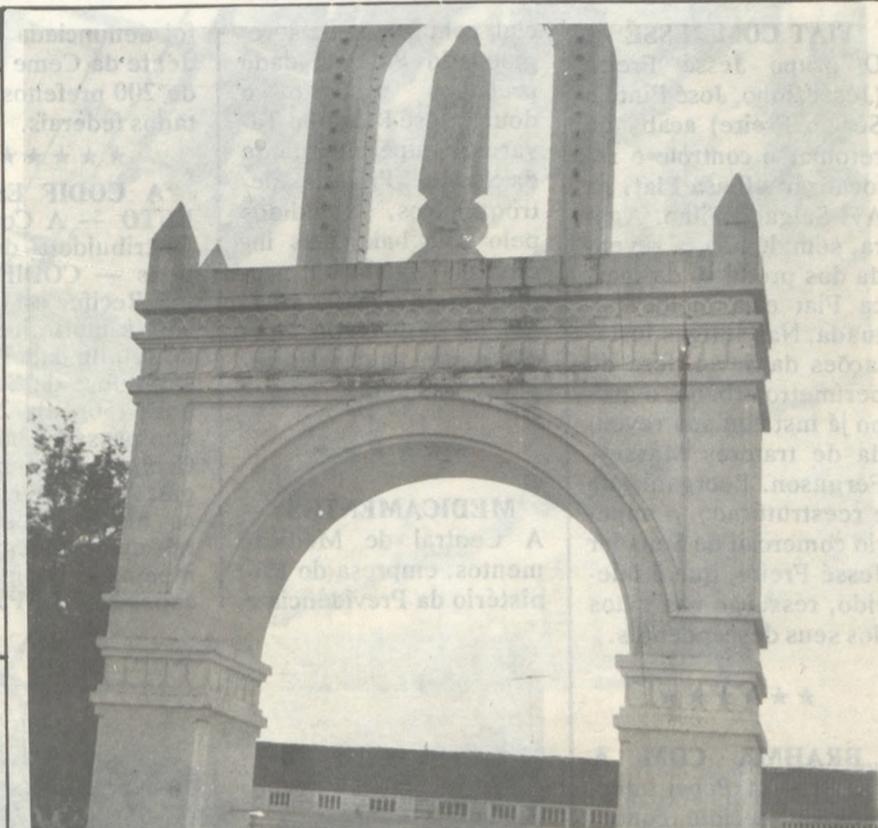
Cláudio	46
---------------	----

FOTOGRAFIA

João Maria Alves
Aldorisse Bezerra

CAPA

Flávio Américo Novaes



Política e Seridó

A pouco mais de três meses para a eleição do novo Prefeito de Natal, os partidos políticos abrem o jogo da disputa. Candidatos escolhidos, plataformas políticas divulgadas, coligações definidas, os lances agora são feitos mais ou menos às claras, como ocorre normalmente no cenário político potiguar. As duas acirradas disputas — pela Prefeitura da Capital e por uma vaga na Assembléia Nacional Constituinte — são, sem sombra de dúvida, os personagens centrais da política estadual. As propostas e as atitudes de cada um, dentro desse assunto, merecem ser

analisadas como demanda o momento, e é essa análise que pode ser encontrada tanto na entrevista especial com a candidata à Prefeitura pela coligação PDS/PFL, Vilma Maia (página 10) como na reportagem sobre o «bonde da história» em que se constitui a Assembléia Constituinte (página 12) e na retrospectiva histórica da legalização do Partido Comunista Brasileiro (página 15). Mas o Seridó não pode ser omitido em meio a tanta efervescência política. Um pouco da sua história e da beleza da Festa de Sant'ana pode ser encontrado a partir da página 19.

RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL • ANO XVI • N.º 166 • JULHO/85 • CR\$ 3.000

DIREÇÃO

DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira

DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira

REDAÇÃO

DIRETORA DE REDAÇÃO: Josimey Costa

PRODUÇÃO

Joselino Wanderley

ARTE

Joselino Wanderley
Carlos José Soares

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO

Moacir de Oliveira

FOTOCOMPOSIÇÃO

Antônio José Damasceno Barbalho

REVISAO

Jóis Alberto

DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Vanda Fernandes de Oliveira

GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emidio da Silva

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA.

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em assuntos sócio-econômicos do Rio Grande do Norte, é de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001-61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Fone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 3.000. Preço da assinatura anual: Cr\$ 30.000. Preço do exemplar atrasado: Cr\$ 5.000. Consulta ao arquivo-memória: Cr\$ 20.000.

FIAT COM JESSÉ — O grupo Jessé Freire (Jessezinho, José Pinto e Sérgio Freire) acaba de retomar o controle e relocalizar a **Piasa Fiat**, na Av. Salgado Filho. Agora, sem dúvida, a revenda dos produtos da marca Fiat está melhor situada. Nas antigas instalações da Savel, fora do perímetro urbano, o grupo já instalou sua revenda de tratores Massey-Ferguson. Reorganizado e reestruturado, o império comercial do Senador Jessé Freire, que é falecido, ressurgiu nas mãos dos seus descendentes.

★★★★★

BRAHMA COM A PEPSI — A Pepsi internacional decidiu conceder algumas franquias de produção à Brahma brasileira. Isto quer dizer que a Brahma passará a produzir e distribuir, diretamente, a Pepsi que é consumida hoje nas cidades do Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e, numa outra etapa, nas cidades de Minas Gerais, São Paulo e outras. É uma resposta à Coca-Cola, que jogou na sua rede de distribuição a cerveja Kaiser. A verdade é que esse jogo duro das duas grandes concorrentes poderá resultar em substanciais mudanças de negócio e marketing dessas multinacionais no Brasil.

★★★★★

NORDESTE — A Região Nordeste tem um **déficit** em cruzeiros equivalente a cerca de um bilhão de dólares no seu intercâmbio comer-

cial com as demais regiões do País. O dado preocupa bastante o doutor José Reinaldo Tavares, superintendente da Sudene. Produtos petroquímicos, vendidos pelo pólo baiano às indústrias paulistas, representam o maior volume de vendas do Nordeste para as demais regiões brasileiras.

★★★★★

MEDICAMENTOS — A Central de Medicamentos, empresa do Ministério da Previdência e



Rebanho do Seridó: estável

Assistência Social, está apurando desvios de remédios. As investigações começaram pelo Nordeste (o presidente da Ceme é o ex-senador Gilvan Rocha), de onde partiu o maior volume de acusações. Segundo as denúncias, os remédios são distribuídos de acordo com indicações políticas. Há casos também de desvios de medicamentos através de grupos organizados, que vendem esses produtos a preços mais altos. A discriminação partidária na distribuição de remédios

foi denunciada ao presidente da Ceme por mais de 200 prefeitos e deputados federais.

★★★★★

A CODIF ESTÁ DE LUTO — A Companhia Distribuidora de Ferragens — CODIF, matriz em Recife, está de luto com a morte inesperada do seu fundador, empresário José da Silva Barbosa (56), dia 25 de junho passado, na Vila de Grimancelos, em Portugal. A CODIF está entre os maiores distribuidores de ferragens, ferramentas e equipamentos especiais do País, com

tam os empresários — a observância das normas ditadas pelo Conselho Interministerial de Preços (CIP) poderá levar a indústria a uma séria descapitalização. Para recordar, os reajustes ligados aos custos fixos e à margem de lucro (que eram feitos com base na variação plena do valor das ORTNs), estão agora limitados a 80 por cento dessa variação. Algumas empresas (o «jeitinho» brasileiro) podem escapar desse controle através da diversificação de sua produção, mas os restantes 90% não dispõem dessa margem de manobra.

★★★★★

REBANHO — Mesmo após um longo período de seca (1979/84), o rebanho bovino da região do Seridó não foi reduzido. Há casos de agropecuaristas que aumentaram o seu rebanho.

— Como?

— Infelizmente, não temos condições de revelar.

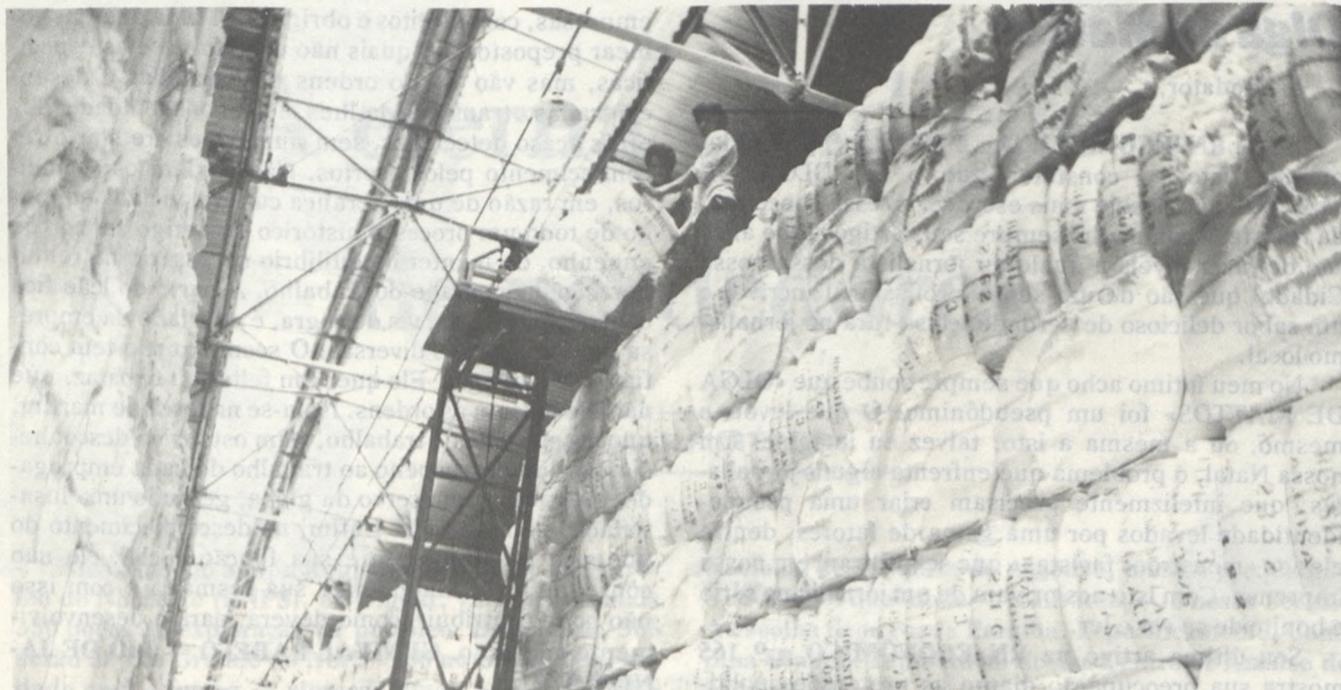
Algumas vaquinhas trocaram de mãos, é verdade, mas não saíram do Seridó potiguar.

★★★★★

PREVIDÊNCIA — Em 1984, no Rio Grande do Norte, o INPS pagou a seus segurados Cr\$ 156 bilhões, 60 milhões, 524 mil e 606. Além dos benefícios em dinheiro, o Instituto mantém programas de reabilitação profissional e assistência complementar, que se desenvolvem através das atividades do Serviço Social. Existem 83 espécies de benefícios, incluindo os rurais, urbanos, ex-

★★★★★

CONTROLE DE PREÇOS — O setor industrial mostra-se bastante preocupado com o controle de preços instituído pelo Governo. Se a taxa de inflação não cair sensivelmente — argumen-



Algodão: muito exportado

Sasse (economistas), funcionários públicos e de legislação especial.

★ ★ ★ ★ ★

EXPORTAÇÕES — O Rio Grande do Norte, no primeiro trimestre deste ano, exportou 9 milhões de dólares correspondente à comercialização de 62 mil e 849 toneladas. O fio de algodão é o principal produto de nossa pauta de exportação — 27,2% do total. O Estado exporta, dentre outros, os seguintes produtos: fio de algodão, scheelita, balas, caramelos, chicletes e pirulitos, **baler twine**, artêmia salina, óleo de mamona, peças de palha de carnaúba e junco, camisas, camisetas, pijamas e cuecas, toalhas de banho e de rosto, melões, mamões, inhames, sal grosso, sal moído, sal refinado, berilo, tantalita, sisal preparado, camarão, lagosta, cera de carnaúba, couro bovino, pele bovi-

na, castanha de caju e líquido da castanha de caju (LCC).

★ ★ ★ ★ ★

BIOMASSA — O Departamento de Tecnologia Industrial, da Companhia de Desenvolvimento Industrial do Rio Grande do Norte, concluiu uma proposta de projeto destinado a fazer a avaliação do potencial da biomassa florestal da região de Currais Novos, visando a produção de ferro gusa por redução a carvão vegetal, um trabalho pioneiro em todo o Nordeste na formação de uma base de conhecimentos sobre manejo de florestas e bosques voltados para o suprimento energético. O projeto conta com apoio do IBGE e da FAO (Food and Agriculture Organization).

★ ★ ★ ★ ★

SANT'ANA — Apro-

veitando o período da mais tradicional festa de padroeira do interior do Estado, a Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social vai promover uma feira de artesanato em plena Festa de Sant'Ana, de Caicó, agora em julho. Uma boa idéia, pois não há outro período mais apropriado para se valorizar os trabalhos da região.

★ ★ ★ ★ ★

CONTAS — A partir do momento em que o Tribunal de Contas do Estado começou a vasculhar as administrações municipais, desencadeou um verdadeiro surto de honestidade por essas ribeiras potiguares. Os termos **concorrência pública, licitação, tomada de contas** e outros menos respeitados pelos senhores prefeitos, fazem parte agora de todas as transações. Fornecedores também já suspenderam a emissão de no-

tas frias e recibos em branco. Alguns vereadores (pouquíssimos), inspirados na ação fiscalizadora do TCE, já começam a «incomodar» os administradores, inclusive recebendo total apoio técnico da sua entidade de classe — a AVERN.

★ ★ ★ ★ ★

FGTS — O Fundo de Garantia por Tempo de Serviço é um tributo, ou um direito trabalhista? As empresas consideram-no um tributo; os trabalhadores, um direito. A discussão não é nova, mas exige atenção, principalmente dos trabalhadores e suas lideranças sindicais, que podem ser surpreendidos pelo próprio Tribunal Superior do Trabalho. Se considerado um tributo, os débitos prescrevem quinquenalmente; se um direito trabalhista, aos modos, cabe ao TST lançar as devidas luzes sobre a questão.

Olga de Mattos

Sr. Redator,

Ao ler **RN/ECONÔMICO** n.º 165, fiquei profundamente triste ao constatar que o Sr. OLGA DE MATTOS não deseje mais escrever p/essa conceituada revista. Acompanho sempre seus artigos (que aliás são de fazer inveja a qualquer jornalista dessa nossa Cidade) que são de um senso profissional incrível e um sabor delicioso de verdade, coisa rara no jornalismo local.

No meu íntimo acho que sempre soube que «OLGA DE MATTOS» foi um pseudônimo. O que levou o mesmo, ou a mesma a isto, talvez eu imagine. Em nossa Natal, o problema que enfrenta alguns jornalistas, que infelizmente precisam criar uma pseudo-identidade levados por uma gama de fatores, dentre eles os «monstrões facistas» que se infiltram em nossa imprensa. Com isto nos privam de um jornalismo sério e bonito de se ver e ler.

Seu último artigo na **RN/ECONÔMICO** n.º 165 mostra sua preocupação diante as pretensões políticas do Sr. Flávio Rocha. Na minha opinião o Sr. Flávio Rocha é na realidade só mais um político a usar o seu poderio econômico para se fazer eleger.

Atenciosamente — **SANTOS DAMÁSIO** — PE-TRÓPOLIS — NATAL/RN.

Herança cultural viciada

Sr. Redator,

Em 1960, no final do Governo Juscelino Kubitschek, eu fiz um levantamento das tradicionais empresas brasileiras com vistas a um confronto com empresas transnacionais que operavam entre nós. Desejava saber as razões que determinavam a sistemática perda de terreno no embate competitivo entre umas e outras, na conquista do mercado. Conquanto se pudesse compreender a desigualdade da luta entre a panela de barro (capital nacional) e a panela de ferro (capital estrangeiro), eu estava convencido de que o problema não se situava apenas na maior facilidade de levantamento de capital por parte das empresas transnacionais, nem na qualidade de produto ou na capacidade de obtenção de menores custos na produção. Haveria algo mais. Dei ênfase, então, não aos aspectos pertinentes à gerência da produção, mas às técnicas correlatas do marketing, compreendidas como o conjunto de preocupações e cuidados que o empresário deve ter ao longo da caminhada que vai da idéia de produzir até o estímulo ao desejo de consumir. Tive a sensação de que havia achado a chave do problema.

Há no Brasil uma causa que pode não ser preponderante, mas não pode ser esquecida. É a formação profissional do empresário brasileiro. A grande maioria confunde empresa com sesmaria. Não são empresários. São sesmeiros. Não definem funções, nas suas

empresas, com direitos e obrigações. Mas querem nomear prepostos aos quais não confiam tarefas específicas, mas vão dando ordens desparatadas e descontraídas, transferindo-lhes a responsabilidade dos erros acaso detectados, sem nunca lhes creditar o reconhecimento pelos acertos. Não cuidam os sesmeiros, em razão de uma herança cultural viciada ao longo de todo um processo histórico de antigo senhor de engenho, de manter o equilíbrio necessário na remuneração do capital e do trabalho. A parte do leão fica com o capital, que, via de regra, é desviado da empresa para aplicações diversas. O sesmeiro não tem confiança de delegar. Ele quer um feitor ou capataz, que não lhe discuta as ordens. Isola-se na torre de marfim, que é a sua sala de trabalho, num ostensivo desconhecimento ou desrespeito ao trabalho de cada empregado, que trata como servo da gleba, gerando uma insatisfação generalizada. Enfim, no desconhecimento do que seja uma empresa e sua função social, ele não consegue levar muito longe sua sesmaria e com isso não pode contribuir, como devera, para o desenvolvimento da Nação. **GENIVAL RABELO** — RIO DE JANEIRO/RJ.

Pontos para soluções

Sr. Redator,

DESEMPREGO — O peso da recessão sobretudo da inflação, não pode mais recair sobre o operário, que já está no limite físico e psíquico. A única saída que pode tranquilamente encontrar o brasileiro hoje, é a de fazer com que o homem volte ao trabalho do campo e onde estes possam ter sua casa, seu trabalho, por conseguinte, a reforma agrária em outras palavras, não deixa de ser uma solução acelerada para crise de Desemprego pelos mecanismos atuais que vêm sendo adotado no País sem combater portanto este mal até o presente, onde a cada dia aumenta o cordão destes.

EDUCAÇÃO — Outro fator que está a merecer uma maior atenção do nosso sistema educacional brasileiro que é o setor de Educação, por conseguinte, diversos jornais do País já noticiam que o Ministro Marco Maciel já é hoje o melhor Ministro da Nova República e disto com minha análise pessoal não tenho dúvidas e esperamos que ele saiba conduzir com ênfase este setor que tranquilamente é uma das salvaçãoes do Brasil que é a Educação. Mais ênfase para o ensino de 1.º e 2.º Grau, uma nova política para o ensino superior, para os exames vestibulares que dão acesso a estudantes de 2.º Grau a um curso superior etc etc.

Atenciosamente — **NELSON DOS SANTOS ALVES** — NATAL/RN.

Cartas e opiniões para: Redator RN/Econômico,
Rua São Tomé, 421 — Cidade Alta — Natal-RN.

A eterna condição de perdedores

ALBIMAR FURTADO

Até o final do ano, a Região de Produção de Petróleo do Nordeste (RNPS), ex-Diguar, vai perfurar mais 350 poços de exploração de petróleo. Deste total, 300 serão no Rio Grande do Norte e 50 no Ceará. Isto, um dado para o futuro. A situação atual: a mesma RNPS informa que hoje existem na área marítima 100 poços produzindo petróleo, sendo 67 no Rio Grande do Norte e 33 no Ceará. Mais: na área terrestre, são 820 poços em produção, dos quais 615 em área potiguar e 205

EM TERRAS CEARENSES:

Estes dados todos são apenas para demonstrar o espanto que provoca notícia recente, de que "a região metropolitana de Fortaleza reúne hoje todas as condições para receber a instalação de uma refinaria de petróleo", de acordo com projeto elaborado pela Fundação Núcleo de Tecnologia Industrial do Ceará (NUTEC), com o título de "Viabilidade de implantação de uma refinaria da Petrobrás no Estado do Ceará".

Na verdade, a notícia pode espantar ao norte-riograndense, depois de, comparando os números, perceber, sem grande esforço, que tudo está a nosso favor. Mas ao cearense apenas demonstra, mais uma vez, que há disposição de luta em favor do Estado, mesmo quando as circunstâncias são adversas.

Sem pretender ser pessimista, mas apenas lembrando fatos — e fatos recentes — a impressão é que estamos acomodados à permanente condição de perdedores. A última vez que levamos a melhor foi no episódio da localização da fábrica de barrilha, que estava definida para Sergipe, numa decisão política. Nossa argumentação foi o detalhamento técnico, o estudo minucioso, e insistência em mudar uma situação que se apresentava contrária. Que mudou em nosso favor. Triste é a constatação, hoje, de que tivemos uma vitória de Pirro. São passados 11 anos do episódio e até hoje não tivemos os resultados esperados. Ficaram apenas as casas construídas e abandonadas em Macau e os equipamentos deixados à ação da maresia.

Depois disso, perdemos todas. Embora tivéssemos a nosso favor as mais convincentes justificativas. Não conseguimos deixar no Rio Grande do Norte o Centro

Nacional de Pesquisa do Algodão, mesmo produzindo o de melhor qualidade — o arbóreo —, o nosso Seridó. A escolha ficou com a Paraíba. Especificamente, Campina Grande. Também ali ficou o Centro de Análise de Minério.

Bem mais recente foi a disputa pelo parque têxtil e de confecção, que florescia em Natal. Mas o Governo do Ceará resolveu entrar no páreo e levou a melhor, de novo enfrentando situação adversa. Saiu vitorioso. Aqui, o argumento era de que o Estado vizinho burlava a legislação. Permanecemos na linha, cumprindo as formalidades legais, mas perdendo novos projetos que iam em busca dos incentivos oferecidos pelos cearenses.

Verdade que a legislação não foi cumprida. O Ceará dava aos novos investidores a garantia de que o ICM deles recolhido tomaria o rumo do Banco de Desenvolvimento do Estado, que o devolveria à empresa em forma de empréstimo, sem juro nem correção monetária. Engodo, claro. Afinal, o dinheiro deveria ser aplicado em benefício público. Mas o terrível é que, mesmo constatada a burla, não tivemos a mínima força política, campo para onde foi transferida a batalha, para evitar o que o Governador Virgílio Távora fazia contra o Rio Grande do Norte, promovendo uma concorrência desigual. Fomos os bons e perdemos as indústrias e os empregos e os impostos.

Agora, estamos chegando, novamente, atrasados em busca de uma refinaria de petróleo. Ou ainda nem chegamos, enquanto os cearenses já têm projeto, com todas as justificativas: infra-estrutura de eletricidade, estrutura de «pier» petrolífero e parque de tancagem no Porto de Mucuripe, fábrica de asfalto, transporte rodoviário e distribuição de derivados. Habilmente, não falam em produção. É com base nesses dados que o NUTEC recomenda que "o local ideal seria o Distrito Industrial de Fortaleza, localizado em Pajuçara".

E nós? Condenados a sequer ver navios. Porque o nosso Porto há anos tem promessa de ser ampliado. E ainda não o foi. E veja que nisto sequer temos concorrentes.



“Por que ter medo?”

POLÍTICA I

A proposta de Vilma Maia na disputa à Prefeitura

Quem é Vilma Maia? Esposa do ex-Governador Lavoisier Maia, sobrinha-neta do falecido Senador Dinarte Mariz, professora universitária, mãe de quatro filhos e, hoje, ex-Secretaria do Trabalho e Bem-Estar

Social da atual gestão. Mas será que apenas estas informações completam o perfil da mulher que alcança o seu ápice de evidência política no Estado? Não, Vilma Maia é muito mais do que isso. Não é a toa que, dentre o Secretariado do Governo Agripino Maia, seja ela a candidata à Prefeitura de Natal pela coligação PDS/PFL. Isso por agir com autonomia dentro da sua área — discordando até do seu próprio grupo político — ou se mantendo sempre como personagem central do teatro político que os grupos majoritários encenam no RN.

Desde que as eleições para prefeito de Capital foram aprovadas na Câmara Federal, partidários ou não partidários da senhora Vilma Maia reconhecem a sua força política para

disputar, de igual para igual com outros partidos, a Prefeitura de Natal. O nome dela é o mais popular entre os representantes da situação, chegando a ser apontado nas pes-

quisas — o Governo do Estado vem realizando pesquisas de opinião pública que não são divulgadas aos cidadãos — como o nome mais forte que uma possível aliança, PDS/PFL, pode apresentar para o posto.

A sua maneira decidida de se impor e falar talvez valha a atuação política que ela apenas ensaia neste Governo. E se, para muitos, antes «dona Vilma» era tão somente a mulher de Lavoisier Maia, já naquela época ela não se reconhecia assim: faz questão de frisar que sempre teve uma profissão e que, mesmo quando atuou como Primeira-Dama, fez de tudo para não ficar à sombra, apenas na decoração da gestão passada.

“Vilma é aquela pessoa até certo ponto tímida, embora ela tenha muita coragem. Eu falo de mansinho, mas sempre tive coragem de enfrentar as situações que me apareceram”. É assim que ela própria se vê. E as pessoas que acompanha-

ram a ascendência da professora Vilma Maia lembram-se de que ela sempre aparecia tímida, recatada, não ofuscava Lavoisier Maia. Porém, a situação mudou. Agora, mesmo que queira se manter à sombra do marido, Vilma Maia não conseguirá. É ela mesma quem afirma que o "Governador José Agripino não me colocou à frente da Secretaria porque eu sou a mulher de Lavoisier Maia". Com estas credenciais — próprias — mulher nenhuma faz um papel secundário na peça política.

Mas a timidez ainda obriga «dona Vilma» a se retrair e não avançar o sinal, ficando sempre alerta quando trata-se da sua pessoa: em duas horas de entrevista concedida à **RN/ECONÔMICO**, mostrou-se sempre cautelosa nas respostas, não deixando margem a dúvidas e afirmando categoricamente que seu trabalho político não é feito em função de Lavoisier Maia. Não se furtou a uma análise detalhada do momento eleitoral. Modesta em termos de pretensões políticas, colocou que sua campanha eleitoral será feita sempre em função do seu trabalho com a comunidade — sem falsas



“Não me preocupo com palanque”

promessas. E o que se pode depreender da entrevista é que ela se preparou para a disputa, tanto que considera-se em condições de enfrentar um rival do quilate de Garibaldi Filho, taxado de praticamente imbatível.

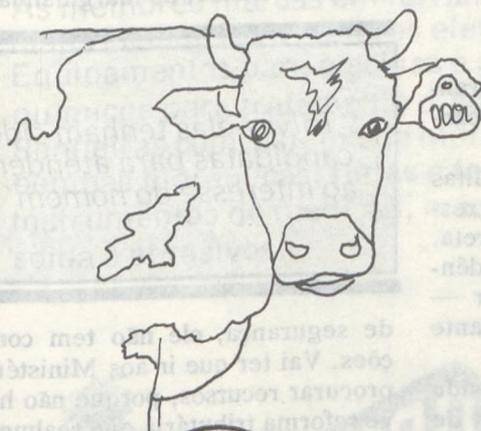
Vilma Maia, admitiu, inclusive, que se não apresentasse um projeto político imediato, a maioria das pessoas que a seguem iria se sentir frustrada. Todos, sem exceção, que-

rem vê-la na Prefeitura. Se antes, Vilma Maia era a única mulher no páreo — mesmo sem ter admitido precocemente a sua candidatura — agora ela vai ter de enfrentar a mulher do Senador Carlos Alberto, Miriam de Souza, que concorre pelo PTB. Mas a ex-Secretária do Trabalho e Bem-Estar Social afirma que, em nenhum momento, vai se utilizar do fato de ser mulher como plataforma política, técnica que muitos consideram valiosa. Consumada a coligação PDS/PFL — para seus auxiliares mais próximos e para grande parte da população, Vilma Maia é o único nome que pode fazer frente a uma candidatura. Vilma Maia tem que mostrar que é capaz de angariar voto. Para isso, realizou obras sociais de grande repercussão e vai se envolvendo com a população de Natal que, cansada de esperar a definição dos candidatos à Prefeitura de Natal, agora quer saber o que pensam os possíveis chefes do Executivo Municipal. Com a palavra, Vilma Maia.

RN/ECONÔMICO — Como se justificam tantas indicações em torno de seu nome para concorrer à Prefeitura de Natal?

53 Anos atendendo o produtor rural e industrial

DISTRIBUIDOR ALFA LAVAL. TUDO PARA A PECUARIA



Equipamentos p/ alimentação bovina.
Brincos p/ marcação de gado bovino e ovino.
Conjuntos de ordenha em latões ou tubulação.
Detergentes/ desinfetantes.
Bebedouros. Tanques resfriadores p/ leite.
Desnatadeiras.
FORAGEIRAS. ENSILADEIRAS.
Motores. Bombas.
Máquinas p/ arroz, milho, feijão e mandioca. Material p/ manutenção em geral.



CESAR COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES LTDA.

FUNDADA EM 1932

A CASA DO PRODUTOR.

MATRIZ: RUA DR. BARATA, 207 E 209 — FONES: (084) 222-8489 — 222-8490 — TELEX: (084) 2220 — NATAL-RN
CGC 08.397.333/0001-08 — INSC. EST. 20.010.517-5.

FILIAL: AV. PRUDENTE DE MORAIS, 2022 — LAGOA NOVA — NATAL-RN — FONE: (084) 222-8494

VILMA MAIA — As indicações talvez tenham acontecido pelo meu envolvimento com grupos políticos, porque eu realmente pertencço a um grupo político. Aliás, agora eu posso dizer que pertencço a dois grupos políticos, tendo em vista que eu sou filiada ao PDS, enquanto o Governador José Agripino forma um outro partido. E também pelo meu trabalho, que sempre foi feito com gente, em torno de pessoas. Infelizmente, aqui no Nordeste, muitos crêem que você só trabalha com as comunidades quando tem algum projeto político. Então, se eu estou fazendo um trabalho com comunidades e periferias, isso significa que eu tenho algum interesse em me candidatar.

RN — A senhora demorou a admitir-se candidata à Prefeitura de Natal. O que levou-a a aceitar foi o

nem para a Nação, nem para o Estado.

RN — O que é salutar para o Estado?

VM — Esse radicalismo não é salutar. Sou a favor do pluripartidarismo. Um País em desenvolvimento precisa partir para uma reforma política no sentido de que todos os partidos tenham autenticidade, existam de fato. Tivemos, na eleição passada, praticamente duas correntes porque os outros partidos pequenos quase não apareceram. Acredito que agora já vá ser diferente. Sabemos que o desenvolvimento cultural e educativo é uma coisa que se processa lentamente, mas a gente tem que começar.

RN — Voltando à realidade do RN. A senhora não acha que os dois grupos estiveram acuados quanto à eleição para a Prefeitura de Natal?



“Sou a favor do pluripartidarismo”

consenso PDS e PFL?

VM — Isso dependia de muitas circunstâncias que devem ser acrescentadas à análise na hora correta, não estava esperando.

RN — E como a senhora analisaria o momento político estadual?

VM — Acho que a gente está passando por uma fase de transição muito grande. O País todo passa por esta fase de transição, em que as coisas estão assim um pouco desorganizadas. O Presidente está apoiando uma aliança que não se consolida a nível estadual, e consolida-se a nível federal com problemas muito sérios.

RN — O Rio Grande do Norte sempre teve duas facções políticas...

VM — Mas isso não é salutar

O grupo Alves não estava esperando que o grupo Maia lance seu candidato, e vice-versa?

VM — Isso dependia de muitas circunstâncias que devem ser acrescentadas à análise na hora correta. Sempre coloquei tudo na dependência de uma imposição popular — que é o que acho mais importante para ser candidata à Prefeita.

RN — Garibaldi Filho tem sido apresentado como o candidato de maior respaldo popular em Natal, praticamente imbatível. A senhora acha que tem condições de concorrer com o mesmo respaldo que Garibaldi tem em Natal? A senhora é mais nova na prática política; ele tem anos à sua frente...

VM — Tem. Mas eu acho que também tenho algum respaldo. Vou

à luta e não tenho medo de perder as eleições. Vou fazer uma campanha mostrando serviços prestados ao Estado. E mostrando também o que poderia ser feito pelo povo.

RN — Essa campanha teria algum apelo tipo “a mulher candidata”?

VM — Não. Não farei uma campanha pensando nisso. Infelizmente, as mulheres que se elegeram pelo Rio Grande do Norte não foram, talvez, eleitas pelo seu desempenho pessoal. Talvez elas tenham sido candidatas para atender ao interesse do homem. Isso eu não faria. A minha campanha será feita como candidata à Prefeita, mas esquecendo que essa candidata é mulher e que isso deva ser explorado. É uma condição inédita uma mulher se candidatar à Prefeita da Capital, mas eu acho que isso não terá que ser explorado.

RN — Isso seria prejudicial?

VM — Não estou dizendo isso. Mas, pessoalmente, não considero que isso deva ser explorado.

RN — Seu programa de campanha seria lançado em que bases?

VM — Nós temos, em Natal, problemas sociais incríveis, como por exemplo, o desemprego que leva à marginalidade, à insegurança que nós vivemos hoje. Também as periferias, as favelas, a migração muito grande do campo para cidade. Isso tudo gera problemas muito maiores, já que o município não tem autonomia para resolver esses problemas. Hoje, se o prefeito quiser resolver os problemas de saneamento da cidade, de marginalidade,

“Talvez elas tenham sido candidatas para atender ao interesse do homem”

de segurança, ele não tem condições. Vai ter que ir aos Ministérios procurar recursos, porque não houve reforma tributária que realmente resolvesse essa situação. Eu acho que os prefeitos todos deveriam lutar por essa reforma.

RN — Então a senhora topa a Prefeitura de Natal sem medo?

VM — Por que ter medo?

RN — E o doutor Lavoisier Maia aceita Dona Vilma Maia na Prefeitura de Natal?

VM — Lavoisier Maia não quer nem falar nesse assunto, prefere que eu fale. E o que eu disser, está dito. Ele não acha nada demais que uma mulher seja prefeita. Ele valoriza muito a mulher.

RN — **Se a pretensão dele é a Assembléia Constituinte, haverá aí uma separação casual...**

VM — Exatamente.

RN — **Quais são os grandes problemas que a senhora administrou à frente da Secretaria de Trabalho em Natal hoje, e que dividendos estes programas podem dar para a senhora enfrentar essa luta política?**

VM — Nós tínhamos vários programas...

RN — **Carros-chefes de campanha?**

VM — Exatamente. Na área habitacional, por exemplo, nós trouxemos o Projeto Crescer para Natal. E iniciamos o Projeto em Mãe Luíza e Igapó, numa comunidadezinha chamada Beira-Rio.

RN — **Fora essa linha de habitação, o que há?**

VM — Há a área do menor, um trabalho com as crianças em creches convencionais e não-convencionais (...). Na área de trabalho,



“Tenho algum respaldo”

nós fizemos ações junto aos sindicatos e cooperativas.

RN — **Que tipo de ações?**

VM — Nós promovemos encontros, debates, incentivamos o sindicato através de ajudas para o seu fortalecimento em relação à sua sede, dando condições para ele se organizar. Nós dávamos uma subvenção para o sindicato.

RN — **Mas isso também conscientizando o pessoal dentro da no-**

va mentalidade sindical, ou seja, de um sindicato desatrelado do Estado?

VM — Exatamente. A gente trabalhou o sindicato com ele totalmente independente. E acho que esse trabalho foi muito importante

“Incentivamos o sindicato através de ajudas para o seu fortalecimento em relação à sua sede, dando condições para ele se organizar”

para o sindicato. Cadastramos todos os sindicatos do Estado e procuramos conscientizá-los da importância de ter uma ajuda. A Secretaria é Governo, mas sempre houve condições de se trabalhar juntos como moderador em relação aos problemas empregado-empregador.

RN — **A senhora nunca enfrentou um comício. Como se vê num palanque com multidões ouvindo seu discurso?**

VM — Eu nunca enfrentei um comício realmente. Já participei de muitas concentrações e já falei

CODIF TEM.

As melhores marcas em ferramentas, material elétrico e motores elétricos. Equipamentos para piscinas e produtos químicos para tratamento d'água. Banheiras com sistema de hidroterapia, bombas hidráulicas, tintas e ferragens. Instrumentos de medição, máquinas de solda e abrasivos.



CIA. DISTRIBUIDORA DE FERRAGENS

**NATAL — RUA DR. BARATA, 190 — TELS.: 222-3571/8033/8210 — TELEX: 2252.
RECIFE — SÃO LUIZ — SÃO PAULO — FORTALEZA — MACEIÓ — ARAPIRACA
PALMEIRA DOS ÍNDIOS.**

também em algumas com milhares de pessoas.

RN — Mas não arrecadando votos.

VM — Não, eu falei como Secretária. É bem diferente. Nesse caso, eu vou enfrentar a campanha política sem me preocupar muito com a performance do palanque. Acho que a gente pode dialogar. Passou o tempo de ficar falando só na retórica, o povo ouvindo e balançando a cabeça como boneco. Temos que educar o povo, e isso tem que partir de uma campanha política. Não se deve fugir da análise das perguntas e do questionamento. Uma campanha deve ser feita de rua em rua, de bairro em bairro, dando ao povo a oportunidade de dialogar com você. Acho que essa história de ser artista no palanque tem que mudar. Pode ser até que esta metodologia não

“Eu acho que esta história de ser artista no palanque tem que mudar”

traz. Quando você está servindo, está à frente de uma Secretária, você nunca pode pensar que aquilo vai lhe trazer só alegrias e prazer.

RN — Fugindo das questões mais teóricas, qual é a verdade sobre um certo ciúme que estaria travando as suas relações com a senhora Edite Souto, de Mossoró, nessas ações contra as enchentes?

VM — Não houve ciúme nenhum. Ela apenas não concordou com a minha forma de trabalhar. E eu não



“Mulher tem que ser mulher mesmo”

dê certo. A mentalidade do povo não muda de um dia para outro, e o povo gosta de palco, de teatro. Mas acredito que o nosso povo mostra que está amadurecendo politicamente. Esse é um dado importante a se considerar em uma campanha agora.

RN — Para esse povo que quer a sua candidatura e que espera alguma coisa da senhora, que mensagem daria para ele?

VM — Bem, a minha mensagem para este povo sempre é uma mensagem de fé e trabalho. O povo deve se organizar para que, assim, tenha condições de participar e, participando, mudar os seus destinos.

RN — Mas Vilma Maia tem algum desencanto com a política?

VM — Há sim, a política sempre

concordei com a dela, naturalmente. E não foi só ela, foram alguns grupos. O problema de Mossoró é que há um radicalismo político muito grande.

RN — Como está conciliando as suas atividades de dona-de-casa, esposa, mãe e de candidata à Prefeitura? E outras coisas mais prosaicas, como ir ao cabeleireiro?

VM — Eu acho que as mulheres teriam que ser mais práticas para poder ter tempo de conciliar tudo. Assim como o homem. Isso, sem deixar de ser feminina. Mulher tem que ser mulher mesmo, na minha concepção. E eu estou conseguindo levar à frente tudo. Se eu não encontrar tempo para a administração da casa — isso aí eu posso delegar — tenho que encontrar tempo

para uma coisa que não posso delegar a ninguém: o meu papel de mãe. Não posso esquecer os diálogos com os filhos; aí, eu sempre encontro um tempinho.

RN — E o relacionamento com o doutor Lavoisier?

VM — O relacionamento com o meu marido... ele acha o seguinte: que a mulher pode conciliar. Sempre achou, sempre me deu apoio.

RN — O RN/ECONÔMICO, há algum tempo, fez uma matéria com as Primeiras-Damas do Estado, colocando exatamente a questão de que elas ocupam um papel secundário, de coadjuvantes. No seu caso, as posições se inverteram, a senhora hoje é uma pessoa que ocupa o papel principal. Como se vê nesse contexto?

VM — Tenho que analisar por partes. Como Primeira-Dama, realmente; eu procurei desenvolver uma ação complementar à ação do Governo. Primeira-Dama é uma deferência; não existe esse cargo. Mas eu queria trabalhar e criei o Meios, depois veio o Pronav (...). Agora, há uma outra fase, em que a mulher está numa posição de destaque. Não foi fácil ser Secretária de Estado, principalmente no Nordeste, num Estado como o Rio Grande do Norte. E na hora em que uma mulher se destaca por uma ação qualquer de seu trabalho, então ela entra neste cenário. Mas eu me sinto como uma pessoa qualquer, não me preocupo com sexo. Acho que eu, sendo candidata, não posso deixar de cumprir a minha missão porque ela é pesada para uma mulher. A mulher tem capacidade para desenvolver qualquer função. Eu me considero como político, sem ressaltar o artigo.

RN — A senhora diz que não se incomoda de ser mulher. Segundo sua concepção, não há nenhum entrave para o desempenho de nenhuma função ou projeto político. Mas como vê a reação das outras pessoas nesse sentido?

VM — Eu tenho sido bem aceita, embora haja alguns problemas por conta da nossa sociedade, da nossa cultura. Acredito que realmente tenha havido situações em que eu precisei ser mais forte exatamente para que minha posição ficasse bem clara.

RN — E a senhora acha que tem contribuído com sua ação para mudar esse quadro da vida pública do Rio Grande do Norte em relação à mulher?

VM — Eu tenho procurado falar com as mulheres, por exemplo, em relação à participação delas nos sindicatos. Na hora em que eu sou convidada por qualquer instituição tipo Federação das Mulheres para participar de um debate ou ajudar a fazer um determinado evento que envolve mulheres, eu não me nego, seja de que grupo for.

RN — **A senhora sente como prioridade fazer um trabalho mais voltado para as mulheres?**

VM — Não há realmente uma prioridade. Agora mesmo, está sendo discutida a criação de um Conselho Nacional sobre a condição da mulher...

RN — **E parece que o seu nome está sendo o mais indicado para o cargo aqui no RN...**

VM — Eu acho que este problema deveria ser tratado pelas instituições que existem e cuidam especificamente desse problema. Nós temos a União das Mulheres Metropolitanas, o Varela Barca, tem o MDS — que é o departamento do PDS — e tem também a Federação das Mulheres, que tem me procurado sempre para dar apoio e eu tenho dado sempre.



“Faria uma campanha mostrando serviços”

RN — **Parece que esse é um grupo político que tem hegemonia do PMDB.**

VM — Exato. Mas eu sempre tenho dado apoio.

RN — **Como a senhora se sente na vida pública, na política?**

VM — A minha concepção é que a política é a arte e é ciência. Quem está envolvido com política, está preocupado com o bem comum. De-

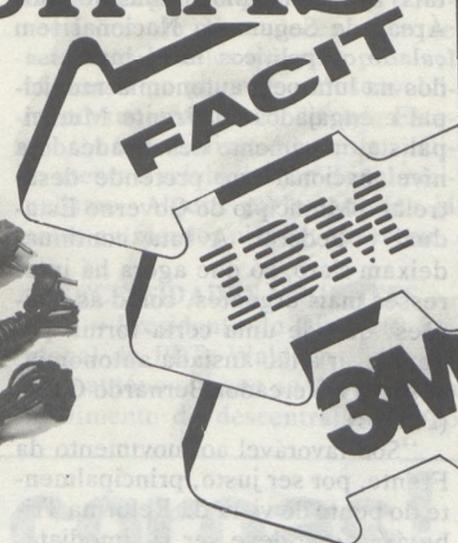
veria ser assim, porque as pessoas, na hora em que se envolvem com política, estão querendo mudar as condições de vida da população ou organizar a sociedade como um todo. Então, eu acho que política é uma coisa boa. Mas, infelizmente, há muitas distorções.

“As pessoas, na hora em que se envolvem com política, estão querendo mudar as condições de vida da população”

RN — **Quando descobriu a sua vocação política?**

VM — Acho que durante toda a minha vida eu senti esta vocação. Tanto que sempre era muito solicitada para dar uma orientação, uma ajuda, um conselho... Eu lembro que meu pai, eu ainda muito criança, me levava para os comícios e eu me interessava para saber como era tal ou qual candidato, o que ele pensava. Eu me envolvia. Depois, casei muito nova, o meu marido era político, participava de tudo, lia muito

ACESSÓRIOS PARA MÁQUINAS



ROLMAQUE
rolamentos e máquinas Ltda.

*** A MAIS COMPLETA LINHA DE EQUIPAMENTOS PARA ESCRITÓRIOS**

Matriz: Rua Dr. Barata, 238 — Fones: 222-2854 — 222-1467 — Filiais: Rua João Pessoa, 231 — Fone: 222-8130 — Praça Augusto Severo, 103/05 — Fone: 222-6742
Seção de Rolamentos, Retentores, Mancais — End. Telegráfico: ROLMAQUE — NATAL-RN



“Nunca deixei de ser mãe e esposa”

sobre política, e o assunto sempre me interessou.

RN — A senhora teria condições de abandonar a vida pública e se sentiria realizada novamente sendo apenas doméstica?

VM — Teria todas as condições. Essa mesma Vilma teria condições porque nunca deixou de ser mãe, de

ser esposa. Mas eu não serei apenas isso; eu sou professora universitária e tenho a minha atividade profissional definida. □

ENTREVISTADORES: Graça Pinto, Fernando Fernandes, Josimey Costa e Marcelo Fernandes.

REDAÇÃO FINAL: Graça Pinto.

POLÍTICA II

Luta pela autonomia cede para eleições à Prefeitura

A eleição para prefeitos de Capitais e Municípios considerados Áreas de Segurança Nacional tem calado os políticos mais interessados na luta pela autonomia municipal e engajados na Frente Municipalista, movimento desencadeado a nível nacional que pretende desarticular o Município do Governo Estadual e Federal. A luta continua, deixam claro, só que agora há interesses mais urgentes, como as eleições, que de uma certa forma podem levar à tão ansiada autonomia, observa o Vereador Bernardo Gama (PMDB).

“Sou favorável ao movimento da Frente, por ser justo, principalmente do ponto de vista da Reforma Tributária, que deve ser já, imediatamente. Os Municípios são uns verdadeiros sofrendores com o sistema que está aí. Para qualquer administração, é desgastante ter que mendigar às Secretarias, ao Governo

Estadual, ao Federal. Só poderá haver autonomia se houver uma justiça tributária”, diz Bernardo. Sua preocupação maior é, porém, com as próximas eleições, e ele vincula essa sua preocupação com o movimento pela autonomia dos Municípios, a partir do momento em que ele deseja que seu candidato tenha autonomia fiscal para administrar.

PROMESSA ANTIGA — A decantada Reforma Tributária foi uma promessa do Governo passado, encampada por Tancredo Neves e prometida agora pelo Presidente José Sarney. Em termos concretos, porém, nada se conseguiu, a não ser a aprovação da Emenda Passos Porto, no final do ano passado, para fortalecer financeiramente os Municípios em caráter de emergência.

Para o Prefeito Marcos César Formiga, essa Emenda já foi um passo para a Reforma Tributária. Contu-

**ECONOMIZE
COMPRANDO
NO ARMAZÉM
PARÁ**



Hoje, você quando pensa em construir, reformar, ampliar, a primeira idéia que ocorre é como gastar pouco e ter um material de qualidade. Então a solução aparece com o nome do **ARMAZÉM PARA**. Procure nos seguintes endereços: Loja 1, Av. Antônio Basílio, 180; Loja 2, Rua Almino Afonso, 40 e Loja 3, Av. Prudente de Moraes, 2007 ou pelo PABX 223-4977. Em cada uma delas, você vai encontrar uma empresa preocupada com o seu problema, pronta e em condições de lhe atender, dando orientação quanto a aquisição e aplicação do produto ideal para o seu caso, em particular. **ARMAZÉM PARA** mantém à disposição de seus clientes, uma equipe especializada, em condições de orientar e fornecer produtos de qualidade a preços *sem igual* na praça. Nosso slogan confirma a tradição — **ARMAZÉM PARA — O MUNDO BARATO DA CONSTRUÇÃO.**

**ARMAZÉM
PARÁ**

**IMPORTADORA
COMERCIAL
DE MADEIRAS LTDA**

Rua Antônio Basílio, 180
PABX (084) 223-4977

do, ele não acredita que essa Reforma vá sair logo e, se sair, só poderá vigorar a partir de '88, pela complexidade de análise que requer o assunto. Marcos César defende a autonomia dos Municípios não somente como redistribuição de receitas, mas também como redistribuição de encargos dos Municípios. E é exatamente "as condições dos Municípios suportarem seus encargos" que ele mais defende. Os Municípios precisam de condições de se responsabilizar pela Educação do 1.º Grau (por lei, os Municípios já estão responsabilizados, mas, na prática dependem de recursos do Governo Federal), saúde, limpeza da cidade, etc. "A centralização de recursos do Governo Federal não permite que se faça atendimento específico dentro do que a Constituição diz", frisa.

O Município de Natal, por exemplo, tem uma dependência financeira de 2/3 em relação ao Estado e à União, e não tem os mecanismos legais para gerar os tributos necessários que os encargos da cidade exigem. Em termos de tributos, diz Marcos César Formiga, o Município fica apenas com o IPTU e o ISS, e do ICM gerado nos Municípios, apenas 20 por cento volta aos Municípios, o restante ficando entre o Estado e a União.

O Prefeito reclama que mesmo as leis constitucionais, do ponto de vista tributário, não são cumpridas, o que prejudica os Municípios. "Nem a Nova República está cumprindo, embora Sarney tenha prometido uma Reforma Tributária de emergência em 30 dias. Não há autonomia política se esta não estiver respaldada por uma autonomia financeira", conclui o Prefeito.

ENDOSSO — O Vereador Roldão Procópio, embora não faça parte da Frente Municipalista aqui no Rio Grande do Norte (que era presidida pelo Vereador peemedebista Érico Hackradt), acha necessário se criar a consciência de que há, dentro do Município um Poder Legislativo, e coloca que tanto o Poder Executivo



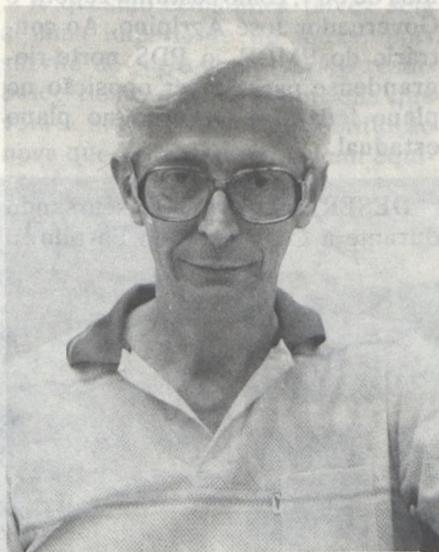
Marcos César: leis não cumpridas

como a Associação dos Vereadores do RN, presidida por ele, endossam o movimento da Frente. Ele afirma que está desenvolvendo um trabalho de orientação aos vereadores para que eles, além de lutar pela Reforma Tributária, tenham consciência da boa aplicação dos recursos advindos dessa Reforma.

"Os recursos devem ser aplicados efetivamente na educação, desenvolvimento urbano e rural dos

Municípios, de modo que esse dinheiro gere novas riquezas dentro do Município". Roldão aludiu a pequenos Municípios do Estado, que recebem verbas razoáveis e que remuneram os professores pessimamente ("há professores que recebem até 25 mil cruzeiros mensais"). "Não é só fazendo calçamento e praças bonitas que se resolve os problemas dos Municípios", ressaltou.

Para o Vereador Roldão Procópio, chegou a hora da luta da Frente Municipalista ser encampada pelos candidatos à Constituinte, e ele acha importante a união das Associações Regionais de Prefeitos e Associações de Vereadores, porque será através deles que será possível organizar ou planejar o desenvolvimento regional dentro de cada Estado. "A Constituinte deve estar muito atenta à reivindicação do municipalismo. Alguns parlamentares já estão entrosados nisso", observou.



Waldson Pinheiro

NECESSIDADES URGENTES — Para o Presidente do Diretório Regional do PDT, Waldson Pinheiro, essa autonomia que se deseja é um movimento de descentralização do

Ah, eu adoro os coroas!



No Tahiti não tem essa história de discriminação. Jovens ou coroas, todos são recebidos com muito prazer. E com uma mordomia capaz de matar de inveja os ministros da Velha República.

MOTEL TAHITI
O paraíso é aqui

poder. Hoje, diz ele, Estados e Municípios são verdadeiros mendigos, "e para os Municípios, a coisa piora porque eles têm de pedir esmolas aos dois: Estado e União".

Essa maior participação na distribuição de recursos e conseqüente autonomia financeira e política deve vir, segundo Waldson, junto com uma mobilização das populações dos Municípios para participarem das decisões desses Governos Municipais. O Presidente do PDT acha que não tem sentido fortalecer as administrações municipais sem também fortalecer a participação popular.

O Vereador Bernardo Gama frisa

que, autônomos, os Municípios poderão fazer suas obras com idealismo municipal e não com idealismo federal ou estadual. Isso significa dizer que as obras não mais atenderão aos interesses gerais, de uma política centralizadora, mas às necessidades mais urgentes de cada Município. E, nesse sentido, Natal tem um exemplo claro, afirma Gama: "Nós temos aqui problemas sérios de falta de cemitérios, mas não há nenhuma verba específica para isso. Ao Governo Federal, interessam obras de fachadas", enquanto os grandes problemas dos Municípios ficam relegados a segundo plano. □

POLÍTICA III

PDS ocupa posição pouco clara no plano estadual

Depois de perder as eleições presidenciais de janeiro deste ano, o Partido Democrático Social, reerguido, pretende comandar a oposição ao Governo Federal. Oposição vigilante, responsável e atuante, como definiu o seu novo presidente regional, o ex-Governador Lavoisier Maia, quando discursou encerrando a Convenção do Partido no último dia 17 de junho, no auditório do SESC.

Se por um lado, o «novo» PDS deixa clara a sua posição com relação ao Governo Federal, no plano estadual a estratégia da agremiação é outra inteiramente diferente. Pensa em se coligar com o Partido da Frente Liberal, integrante da Alian-

ça Democrática que apoia o Presidente José Sarney e presidido, no RN, por um outro Maia, o ex-Governador Tarcísio, além de contar com o peso eleitoral de um terceiro Maia, o atual Governador José Agripino.

Resumindo esse intrincado jogo que é a política norte-riograndense: "Os adversários de 82 serão os mesmos de 86", como costuma repetir o Governador José Agripino. Ao contrário do PMDB, o PDS norte-riograndense passa a ser oposição no plano federal e Governo no plano estadual.

DESERTORES — Discursando durante a Convenção do Partido, o

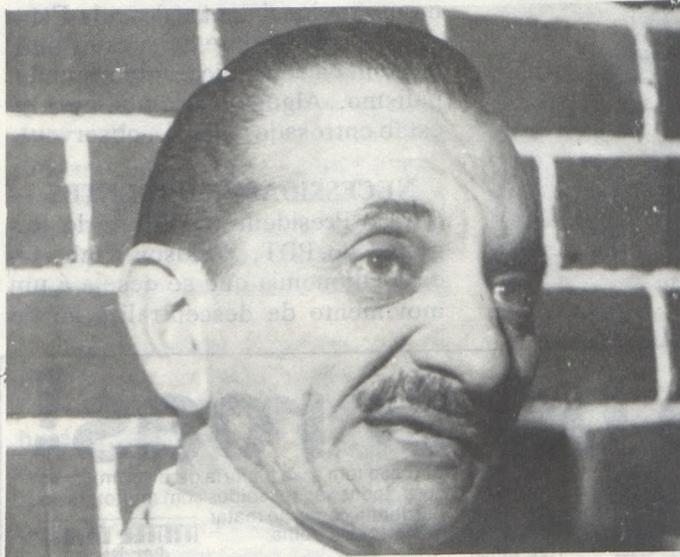
Senador Moacir Duarte chamou de «desertores» aqueles que abandonaram a agremiação no pleito presidencial, preferindo o apoio ao candidato do PMDB, Tancredo Neves, impondo por isso, uma derrota acachapante ao candidato pedessista, o Deputado Paulo Maluf.

Duarte lamentou as defecções e conclamou os que permaneceram fiéis à sigla, a transformarem o antigo PDS no novo PDS: "Reerguido, forte, depurado, apenas a essência dos verdadeiros batalhadores das grandes lutas cívicas".

Naquela oportunidade, o Senador Moacir Duarte chamou de desertores exatamente aqueles com quem pretende se coligar para disputar os pleitos futuros: as lideranças que integram o PFL, entre eles, Tarcísio Maia, José Agripino, João Faustino, Antônio Florêncio, Jessé Filho e mais nove deputados que integram a bancada do PFL na Assembléia Legislativa.

COMANDO — No comando desse «novo» PDS do Rio Grande do Norte, está o ex-Governador Lavoisier Maia. Detentor de uma inquestionável liderança junto aos prefeitos, ex-prefeitos, vereadores e cabos eleitorais do interior do Estado, Lavoisier tem plena consciência de que é portador de um cacife alto a ser apresentado no momento em que começar a ser bancada a sucessão do Governador José Agripino.

Mesmo tendo deixado o Palácio Potengi e transferido o «bastão» para o seu primo José Agripino, o ex-Governador não deixou de fazer política. Já nos primeiros dias de Governo do parente, começou a ganhar espaço ao ser apontado como o ca-



Lavoisier: oposição vigilante



Moacir Duarte: desertores

beça de um Governo paralelo que surgia no Rio Grande do Norte.

Na verdade, o que Lavoisier Maia fazia era prosseguir os contatos que mantinha, quando Governador, com lideranças políticas do interior. Adepto da centralização administrativa, o Governador José Agripino preferiu concentrar-se no seu gabinete de trabalho, deixando para o ex-Governador a tarefa de manter contatos com as lideranças interiores.

O primeiro efeito dessa nova postura surgiu quando da sucessão presidencial. Lavoisier Maia apoiou de pronto o Deputado Paulo Maluf e, com ele, arrebanhou respeitável número de lideranças, dificultando assim o trabalho do Governador, que armava a estratégia de apoio ao candidato Tancredo Neves.

BOA ESTRUTURA — Apesar de ter sido menos pomposa do que a Convenção do PFL, a reunião pedessista mostrou que o partido tem

condições de sair-se bem nos próximos pleitos, aproveitando a vigorosa estrutura municipalista que detém. Hoje, o PDS tem dois Senadores (Carlos Alberto e Moacir Duarte), dois Deputados Federais (Wanderley Mariz e Vingt Rosado) e cinco Deputados Estaduais (Nelson Queiroz, Leonardo Arruda, Amaro Marinho, Manoel do Carmo e Vivaldo Costa).

Segundo declarou Lavoisier Maia durante a Convenção, o PDS foi sacrificado, perdendo as eleições presidenciais. Lamentou que isto tivesse ocorrido e reconheceu que foi o PDS quem "sustentou os Governos impopulares dos militares".

De maior partido do ocidente, o PDS passa a condição de segundo partido brasileiro, vindo logo após o PMDB. Mesmo assim, o seu Presidente no Rio Grande do Norte acredita que, nesta condição, terá forças para "não aprovar mensagens governamentais que venham de encontro aos interesses do povo". □

POLÍTICA IV

Na corrida histórica para a Constituinte, vale tudo

Já se inicia a corrida da classe política para pegar o «bonde da história»: a participação efetiva na Assembleia Nacional Constituinte, tão almejada, mas também muito adiada nestes 21 anos de História brasileira. É a classe operária, políticos e representantes de entidades da sociedade civil que se mobilizam. Nos grandes centros, não se passa uma semana sem que algum debate sobre Constituinte seja realizado pelos mais diferentes segmentos. Porém, ainda pairam dúvidas sobre o que realmente a sociedade brasileira quer com uma nova ordem constitucional.

Alguns mais apressados poderiam responder que o País necessita de um estado de direito, mas valeria muito mais pela retórica do que na verdade como explicação justa do que significa uma nova Constituição. Uma Assembleia Nacional Constituinte não se instala tão somente para escrever leis, mas deve reconstituir, também, uma nova ordem social e econômica, além da jurídica, é claro.

A questão econômica talvez seja a mais importante de todas, pois servirá de carro-chefe para o restabelecimento das outras ordens que vêm a seguir. É uma Constituição nova que pode determinar um equi-

líbrio entre o capitalismo de Estado e o capitalismo «selvagem», que já é bastante conhecido pelos trabalhadores desta Nação. Sendo que esta, talvez, seja a única classe impedida de participar realmente da Assembleia Constituinte que se pronuncia.

Aliás, o Brasil teve seis Constituições — 1824, 1891, 1934, 1937, 1946 e 1967 — sem que nenhum operário de produção tenha se feito representar de maneira equitativa, com a mesma força de outras categorias sociais (bacharéis, representantes patronais, funcionários públicos e políticos) como recordam hoje militantes do PT e PDT, partidos interessados em mudar as regras que começam a se estabelecer para a Constituinte.

CONSTITUIÇÃO TRANSITÓRIA

— O Executivo, diga-se o Presidente José Sarney, já convocou a nova Assembleia Constituinte, deixando à margem do processo até mesmo o Legislativo, majoritariamente representado pelo partido do Governo, o PMDB. O Congresso ainda não foi ouvido sobre a nova Constituição e, por enquanto, existe um grupo de juristas e uns poucos políticos — entre eles o Senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB/SP), escolhido para relator — estudando um projeto que será apresentado pelo Executivo ao Congresso e à Nação, já preliminarmente delineado, mas sem o acúmulo das sugestões que a sociedade anseia por inserir na nova Constituição.



Fernando Bezerra: preparando-se

A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), realmente credenciada para impulsionar os primeiros passos de uma nova ordem jurídica, tampouco está sendo consultada pelo Governo, que achou por bem determinar nomes, advogados famosos — como é o caso do jurista Afonso Arinos — para articular um projeto inicial. E desde 1977, um Congresso da OAB, em Recife, convocou toda a Nação para uma Assembléia Nacional Constituinte, nos mesmos moldes em que diversas camadas da sociedade conclamam os brasileiros: “Por uma Constituinte livre, democrática e soberana”.

Dessa maneira, é pouco provável que o projeto do Governo possa cumprir à risca este antigo anseio nacional. A discussão da Assembléia Constituinte que se encaminha agora já começa com várias deformações. O PMDB pensa que pode elaborar uma Constituinte transitória, já que advoga a tese de que vivemos num regime de transição e que o ato convocatório deve respeitar este espírito de transição. Na realidade, como não houve uma ruptura entre o regime ditatorial de 1964 e a Nova República, pouco se pode esperar da nova Constituição.

É claro que as forças mais progressistas da sociedade tentarão influenciar para que esse estado de coisas seja modificado. Tentarão acabar com as concentrações de riquezas e de propriedade, tudo o que impossibilita a distribuição de rendas e impede o acesso aos bens materiais, fabricando a pobreza. Mas o mandato de deputado constituinte custará muito caro, talvez muito mais do que se possa imaginar, o que impossibilita a representação dos menos privilegiados no «bonde da história».

CUSTO ALTO — Se aqui, no Rio Grande do Norte, os observadores da cena política já estipulam a quantia que deverá ser gasta por cada deputado constituinte — dois milhões e meio de dólares — no próximo ano, fica fácil calcular o custo em outros Estados, onde a concorrência é maior e o poder econômico mais acentuado. Sabe-se, por exemplo, que a classe empresarial do País já se organiza para mandar cerca de 200 representantes à Constituinte. Também em relação a isso, o Estado não passará ao largo. Aqui, o Presidente da Federação das Indústrias (FIERN), Fernando



Antônio Florêncio: mais fácil

Bezerra, prepara-se, cuidadosamente, para defender a sua categoria.

São estas as distorções que alguns partidos políticos — menores — e muitas entidades civis denunciam. É impossível pensar que uma nova ordem social e econômica seja discutida nesta Constituinte que já começa a ser delineada através do poder econômico e por representan-

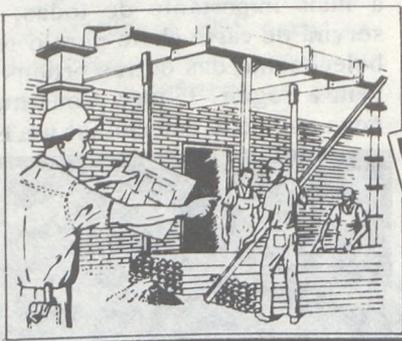
tes que não dizem respeito à classe trabalhadora e às camadas sociais mais pobres da população brasileira.

Existe a proposta que, por hora, não está sendo levada à discussão pelo Executivo nem pelo Congresso, feita pelo Partido dos Trabalhadores, que estipula a Assembléia Constituinte de uma outra maneira: os deputados constituintes seriam eleitos tão somente para elaborar a Constituição, e seus mandatos durariam o tempo exato deste trabalho. Ou seja, o Congresso funcionaria normalmente, paralelo aos trabalhos da Constituinte, e estes deputados constituintes teriam um prazo de seis meses a um ano para elaborar a nova Carta. No entanto, esta proposta urge ser operacionalizada, já que a renúncia dos constituintes teria que acontecer antes das próximas eleições de novembro de 1986, pois o novo Congresso já teria que funcionar sob uma nova Constituição.

Esta proposta evitaria que a Assembléia Nacional Constituinte venha a se transformar numa corrida em busca dos ovos de ouro por parte de qualquer segmento político da sociedade brasileira, e impossibili-

LAJES VOLTERRANA

ECONÔMIA, SIMPLICIDADE E QUALIDADE.



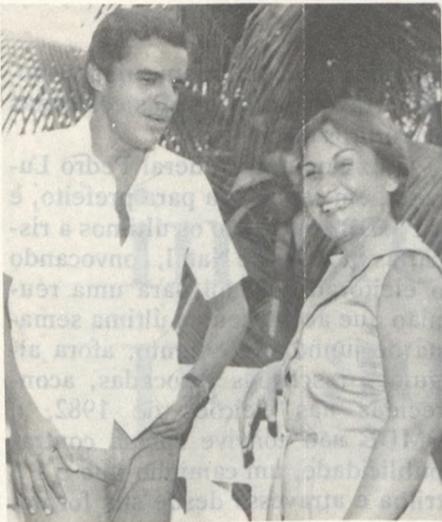
Com Lajes Volterrana você ganha tempo e dinheiro na sua construção. E tem a garantia de uma qualidade mundialmente reconhecida.

A SACI fabrica o produto e ensina, orienta e se responsabiliza em tudo sobre as Lajes Volterrana. E ainda lhe oferece muitos outros pré-moldados de cimento, para facilitar a sua construção.



R. GURGEL LTDA.

Rua Pte. Bandeira, 828 — Tels.: 223-3626/3627/3628
Av. Rio Branco, 204 — Ribeira
NATAL-RN



Henrique Eduardo: reeleição certa

taria a intervenção econômica que está sendo prevista, uma intervenção que não somente acontecerá através do capital nacional, mas, como bem denunciou o Governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, deverá acontecer de maneira sobrepujante através do capital estrangeiro que, seguramente, defenderá a bonança para as multinacionais que já estejam ou queiram se instalar aqui.

A QUESTÃO LOCAL — Somente os nomes mais articulados com grupos econômicos poderão vingar como representantes à Assembléia Constituinte de 1986. Vale ressaltar que a representação federal do Rio Grande do Norte sofrerá modificações que não aconteceram antes na história do Legislativo. Em princípio, a renovação da bancada federal deverá acontecer em grandes proporções. O que, no entanto, dependerá também das eleições para prefeito de Natal, ainda este ano, quando o PMDB passará pelo seu teste político, agora em conjuntura distinta da de 1982, quando era oposição em todos os níveis.

É após novembro deste ano que as tendências do eleitorado ficarão mais claras. E é quando poderá ser feita uma projeção à Câmara Federal. Entretanto, cinco novos candidatos não ficarão por fora do páreo, todos eles municipais de uma estrutura que, certamente, lhes garantirá uma cadeira na Constituinte. Por ordem de chances reais, os nomes serão os seguintes: Flávio Rocha (PFL); Elias Fernandes (PFL); Lavoisier Maia (PDS); Fernando Bezerra (sem definição partidária, mas seguindo uma orientação nacional da Confederação das Indústrias,



Agenor Maria «periga»

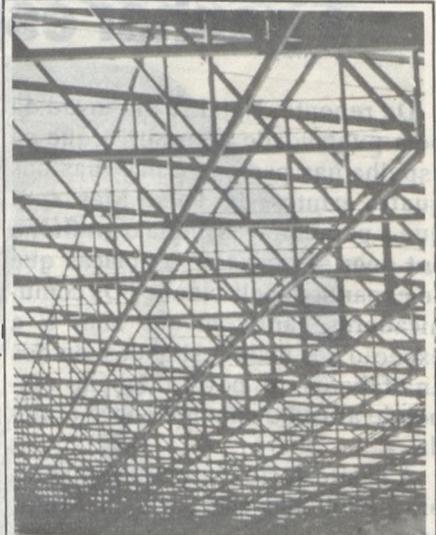
certamente optará pelo PFL); Odilon Ribeiro Coutinho (PMDB); e Marcos César Formiga (PDS).

Se o número de cadeiras não for alterado, estas candidaturas ocuparão o lugar de alguns dos atuais deputados. Elias Fernandes deverá ocupar a cadeira do Deputado João Faustino, que articula, fortemente, sua candidatura ao Governo do Estado. Resta saber quais as vagas que os outros nomes disputarão. Antônio Florêncio é o Deputado mais fácil de ser substituído, seja pelo poderio econômico de Flávio Rocha ou de Fernando Bezerra. O lugar de Wanderley Mariz certamente será cedido ao ex-Governador Lavoisier Maia, não se sabe se através de um acordo de cavalheiros, ou por conta do trabalho que o ex-Governador vem fazendo para herdar o legado do ex-Senador Dinarte Mariz. Vingt Rosado ainda não se declarou candidato à reeleição, mas se desistir da Câmara, certamente indicará algum parente oestino, com chances de substituí-lo.

Em relação ao PMDB, somente a reeleição do Deputado Henrique Eduardo Alves pode se dar como garantida. Antônio Câmara, continuará a depender do Presidente do PMDB, Geraldo José de Melo para defender seus votos na Região Agreste. Já o Deputado Agenor Maria periga; dificilmente voltará à Câmara Federal, sobretudo se sua vaga for cobiçada pelo ex-Deputado Odilon Ribeiro Coutinho, ou por qualquer outro que cresça na corrida para pegar o «bonde da história». □

G. P.

Comercial José Lucena Ferro & Aço.



Uma boa construção se conhece pelos alicerces. Fortes, seguros. A Comercial José Lucena é assim: como uma construção sólida. Há meio século, fornecemos qualidade nos nossos produtos em ferro e aço. E você pode comprovar que a aquisição dos nossos artigos — ferro para construção civil, ferro quadrado, chato, barras e cantoneiras — é uma boa empreitada. Tudo isso com um preço amigo e um prazo vantajoso, além do serviço de entrega automática. Venha até nós. Com a Comercial José Lucena, a casa nunca cai.

Melo século fornecendo qualidade



COMERCIAL JOSÉ LUCENA LTDA.

Agora também com a loja de ferro

Av. Presidente Bandeira, 882,
Alecrim — Fone: 223-4820

Grafites e faixas começam a ganhar espaço político

De repente, Natal se viu invadida pela publicidade alternativa que se espalha nas paredes e nas ruas dos quatro cantos do País. Mas será que a população assimila o **grafite**, o **out-door**, as faixas e as placas que se expandem pela cidade? Os comunicadores garantem que sim. E a exceção dos mais desligados, ou dos analfabetos, o povo também responde afirmativamente sobre a moda.

À frente deste costume, sem sombra de dúvidas está o Motel Tahiti, campeão imbatível na propaganda que se alastra. Diferente também, foi o festival de **out-door** que a Cooperativa dos Artistas patrocinou em Natal no final do ano passado. A paternidade desse tipo de propaganda, no entanto, não pode ser desligada dos políticos, que não se cansam de procurar formas baratas e eficazes de fazer a sua campanha.

PUBLICIDADE POLÍTICA — Sendo este um ano eleitoral, já que haverá votação para prefeito em 15 de novembro, começam a se insinuar os **grafites** e outras formas de propaganda que vendem idéias e procuram convencer o eleitorado. O primeiro **grafite** da temporada foi estreado com o nome do Prefeito Marcos Formiga. “Formiga Fique”, lia-se nas paredes de Natal, mesmo no momento em que a imprensa denunciava uma peleja entre o Prefeito e o Governador, informando que o primeiro ia ser substituído.

“Formiga Fique” não nasceu espontaneamente. Não é um popular, ardorosamente fã do Prefeito, que bola o **slogan** e sai para pichar muros. A tinta **spray** está cara. A frase tem que ser trabalhada e precisa

atingir os objetivos a que se propõe. Sabe-se, através de inconfidências municipais, que o autor da frase é um funcionário do Palácio Frei Miguelinho e que a tinta foi rateada entre outros integrantes do **staff** de Formiga.

Aliás, esta não é uma revelação contundente, pois a prática do grafismo político é antiga e, quando usa-



Muros pichados...



... e faixas nas ruas

da por grupos políticos, faz parte de uma estratégia de **marketing** previamente elaborada; os custos também são divididos entre os militantes políticos. O PT sempre se utilizou deste artifício, ainda que outros

partidos também falem em seu nome através das inscrições colocadas em muros da cidade.

O ex-deputado federal Pedro Lucena, em campanha para prefeito, e o PMDB Jovem são os últimos a riscar as paredes de Natal, convocando o eleitorado juvenil para uma reunião que aconteceu na última semana de junho. No entanto, afora algumas inscrições truncadas, acontecidas nas eleições de 1982, o PMDB não convive com a contrapublicidade, um caminho que o PT trilha e atravessa desde sua formação.

ALIMENTAR O ELEITORADO

— Individualmente, um único personagem da cena política mantém o seu eleitorado alimentado de apelos e propaganda independente da campanha eleitoral; o Vereador Leôncio Queiroz (PFL). Segundo ele, este é um sistema de comunicação “idealizado por mim e que dá certo”.

São três placas de cimento armado espalhadas ao longo do canteiro central da Avenida Prudente de Moraes, sendo que cada uma trata de um tema que diz respeito aos projetos políticos de Leôncio Queiroz. A luta pela padronização do livro didático nas escolas do município; a convocação para que os natalenses se mobilizem para trazer mais um canal de TV para a cidade; e um apelo aos motoristas de táxis para que eles reivindiquem do Estado a utilização do gás butano como combustível são plataformas que Leôncio defende e transmite aos eleitores.

Além desta publicidade de rua, Queiroz também se dirige mais diretamente ao eleitorado da Capital e, periodicamente, distribui umas cartas à domicílio, onde coloca determinadas orientações que tanto podem servir à família — importância do aleitamento materno — ou são alertas comerciais ensinando como o cidadão deve assinar contratos, além dos ensinamentos que dirige ao consumidor: o que ele deve fazer quando vai adquirir qualquer produto no comércio. □

Cinco Estrelas pelo preço de Duas
Hotel Residence

AV. SALGADO FILHO, 1773
LAGOA NOVA — NATAL-RN — CEP 59.000
TELEFONE: (084) 221-2266 — TELEX: (084) 2393
CGC 09.110.354/0001-63 — INSC. EST. 20.023.838-8

As melhores impressões vão passar por aqui.

O RN/Econômico não é apenas o mais bem equipado parque gráfico do Estado

É também o mais veloz. Se você duvida, faça um teste: ligue para 222-4722 e diga qual é o seu problema.

A partir daí, toda uma equipe fica à disposição de sua empresa. Para serviços de off-set, policromia, tipografia, fotocomposição, fotolito, plastificação, composição de livros, jornais e revistas, impressão de notas fiscais, duplicatas, faturas e promissórias.

Vamos, telefone. Sua empresa vai ter uma excelente impressão do nosso parque gráfico.



RN/ECONÔMICO
Serviços gráficos de qualidade

222.4722

Somos PhD em Rio Grande do Norte.

A revista RN/Econômico tem 15 anos de circulação ininterrupta. Pra quem conhece o mercado do Rio Grande do Norte, isso já significa um certo heroísmo.

Mas a RN/Econômico não quer ser heroína.

Quer ser mais lida por pessoas com poder de análise e decisão. Pessoas como você: empresário, intelectual, político, comerciante, industrial, advogado, enfim, pessoas que ajudam a fazer o Rio Grande do Norte.

Para satisfazer esse público exigente, a RN/Econômico procura se aperfeiçoar a cada número

Em suas páginas, você encontra cultura, lazer, turismo, esporte, política, economia e humor.

Tudo na medida certa, tratando de maneira séria e profissional assuntos

ligados ao Rio Grande do Norte.

Não é por acaso que, nesses 15 anos, a RN/Econômico tornou-se uma espécie de PhD em assuntos do Estado.

Prestigie a RN/Econômico, para que o Rio Grande do Norte continue sendo nosso tema principal.



SIM, EU QUERO FAZER UMA ASSINATURA DA RN/ECONÔMICO.

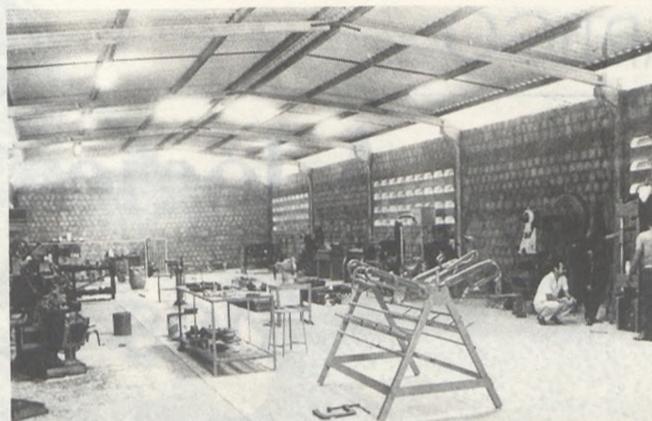
Nome: _____

Endereço: _____

Assinatura anual: Cr\$ 20.000

Por favor, preencha e remeta para: RN/ECONÔMICO

Rua São Tomé, 421 — Cidade Alta — Natal-RN.



Uma solução a baixo custo...

... em área adequada

Galpões industriais, uma opção da pequena empresa

Está funcionando o programa de «Galpões Industriais», que a Companhia de Desenvolvimento Industrial (CDI/RN), implantou no Distrito Industrial — São Gonçalo do Amarante — desde o 1.º de maio último. O programa, que tem o apoio da SUDENE e Secretaria de Indústria e Comércio (SIC), prevê a construção de galpões padronizados com 220 e 330 metros quadrados de área construída, alugados — a preços simbólicos — às micros e pequenas empresas do RN.

O programa está inserido na filosofia governamental de incentivo à pequena indústria, a chamada empresa familiar, e também dispõe de uma linha de crédito especial — Pró-Micro — que financia a implantação desses empreendimentos através de empréstimos cedidos pelo BANDERN com juros de 9.2 por cento ao mês.

Segundo o presidente da CDI, Cid Arruda Câmara, “o Programa de Galpões foi criado para implantar uma nova forma intermediária de infraestrutura, a constituir-se em apoio material para a implantação de unidades industriais e, da forma como foi concebido,

busca incentivar as micro e pequenas empresas quando da sua implantação, visando proporcionar, dentre outras vantagens, a redução de desembolsos iniciais em construção civil”.

INFRA-ESTRUTURA ADEQUADA — As empresas recebem a infra-estrutura pré-moldada em cimento chapiscado e com dois banheiros para, em seguida, promoverem as suas adaptações. A locação é por um período mínimo de dois anos — sempre renováveis — e com mensalidades equivalentes a 1,5 por cento do valor do imóvel. Vale salientar que estes Galpões somente estão dispostos à locação e jamais à venda, como pensavam alguns interessados no Programa.

Após a instalação de algumas empresas — como a Carpo, Hemfibra e a Cooperativa dos Trabalhadores da Indústria e Calçados (Cooticern) — na área, ficam outros dois galpões em fase final de construção, enquanto mais quatro serão licitados para que as obras sejam iniciadas na segunda quinzena de julho. O critério que a CDI segue para distribuir estes gal-

pões é o encaminhamento, por parte do interessado, de um requerimento anexado a um formulário com informações básicas sobre o empreendimento que deseja implantar no Distrito Industrial.

As disposições dos galpões prevêem ofertas de unidades de 330 e 220 metros quadrados com opção de ampliação, todas implantadas em áreas industriais dotadas da mais adequada infra-estrutura, tais como: água e esgoto, vias pavimentadas, energia elétrica, telecomunicações e estrutura urbana de apoio. Estas implantações físicas barateadas estão recebendo fachadas diferentes, de acordo com o gosto de cada locatário. A Carpo — Indústria e Comércio de Escapamentos — projetou outra fachada e construiu escritórios, onde pretende abrigar os 13 funcionários que pretende empregar. Atualmente, esta empresa conta com seis empregados. A A. Azevedo também está se instalando em um galpão, e pretende desenvolver, ali, um projeto de «Aditivo Químico para Concreto Celular», onde empregará cerca de 11 profissionais qualificados.

A lógica negativa dos duzentos e quarenta e seis

JOÃO BEZERRA JÚNIOR

Não é preciso ser economista, tampouco se debruçar sobre computadores a fazer contas, para concluir que a semestralidade no aumento da casa própria é lógica e correta para injetar mais recursos no sistema financeiro de habitação do País. Economista também não é preciso ser para entender que, nos moldes que o Governo da Nova República está propondo essa semestralidade, nada sobra de positivo para o há muito massacrado mutuário.

Ao longo dos últimos cinco anos — tudo sempre nesse período — o mutuário foi obrigado, com a destrembelhada política econômica do Governo Figueiredo, a ter anualmente seu salário aumentado em índices menores que o da casa própria. Ou melhor: os salários foram apenas reajustados; a casa própria aumentada mesmo.

O ano de 1985, que trouxe uma Nova República pintada na cor verde-esperança, encontrou milhares de mutuários do BNH com a corda no pescoço. Há muito se fala em pacto social, onde Governo, oposição e os trabalhadores em geral se enfeixem num mutirão para a reconstrução do, hoje, caótico Brasil.

Do pacto, só se fala. E, tirando o congelamento no preço de alguns produtos (que já começam a aumentar num rescaldo ainda imprevisível), que serviu como medida de impacto de início de Governo que busca respaldo, a Nova República ainda não aconteceu.

A política e os cacetes dos políticos são os mesmos. Bem como, também, são os cálculos na economia.

O verde-esperança perdeu muito da sua coloração com o anúncio do aumento da casa própria, índice matemático da Velha República. Há muito os mutuários brigam para ver cumprido o Plano de Equivalência Salarial previsto nos contratos dos seus imóveis. A Nova República está acenando com essa alternativa. Caso todos optem pelo reajuste semestral em suas prestações.

O remédio, nessa altura dos acontecimentos, é mais amargo. “Não vamos mais pedir sacrifícios do

trabalhador brasileiro”. A frase da Nova República se desgastou logo de início. Se o Governo quer mudar a regra do jogo, no BNH, que dê sua contra-partida. É preciso ressarcir o mutuário pelos prejuízos dos últimos cinco anos para, aí sim, propor a semestralidade.

A imposição desse mecanismo agora, sem olhar o passado tão recente, tem o mesmo gosto da antecipação de imposto proposto pelo Ministro Dornelles e já vigorando: só os cofres públicos se beneficiam. E, como no caso dos salários dos servidores públicos, o mutuário ficará em desigualdade. Se os salários dos bar-nabés precisam ser repostos para manterem o seu curso normal, as prestações da casa própria necessitam ter menores índices como compensação, antes da semestralidade.

O que o Governo está propondo: 246,3 por cento agora e, daqui a seis meses, mais cento e poucos por cento sobre a inflacionada prestação. Consertar os descompassos dos Governos passados é um compromisso da Nova República com o povo brasileiro que terá que ser cumprido.

Salvar o Sistema Financeiro da Habitação é a preocupação do Governo Sarney. Mas para o mutuário, esse Sistema já faliu há muito. Desde quando ele, mutuário, adquiriu um imóvel de péssimo padrão com uma prestação tão elevada.

É preciso ressaltar — e a Nova República entender — que o trabalhador/mutuário não está apenas se sacrificando em pagar caro por sua desestruturada moradia. Mais: está doando seu FGTS para manter o Sistema, está pagando iluminação pública por ruas que não contam sequer com um ponto de luz. E ainda são obrigados a ouvir do Ministro do Desenvolvimento Urbano o desaforado recado: “Quem não puder pagar, que venda seu imóvel e realize um grande negócio”.

Ministro, o Sistema já faliu. Nova República, o verde-esperança não pode ser descolorido. Senão poderá ser confundido com outros verdes menos auspiciosos.

Vamos recompor nosso rebanho.

Recompor o rebanho e melhorar a qualidade de vida do homem do campo, são os objetivos do Projeto Curral, lançado pelo Governo José Agripino.

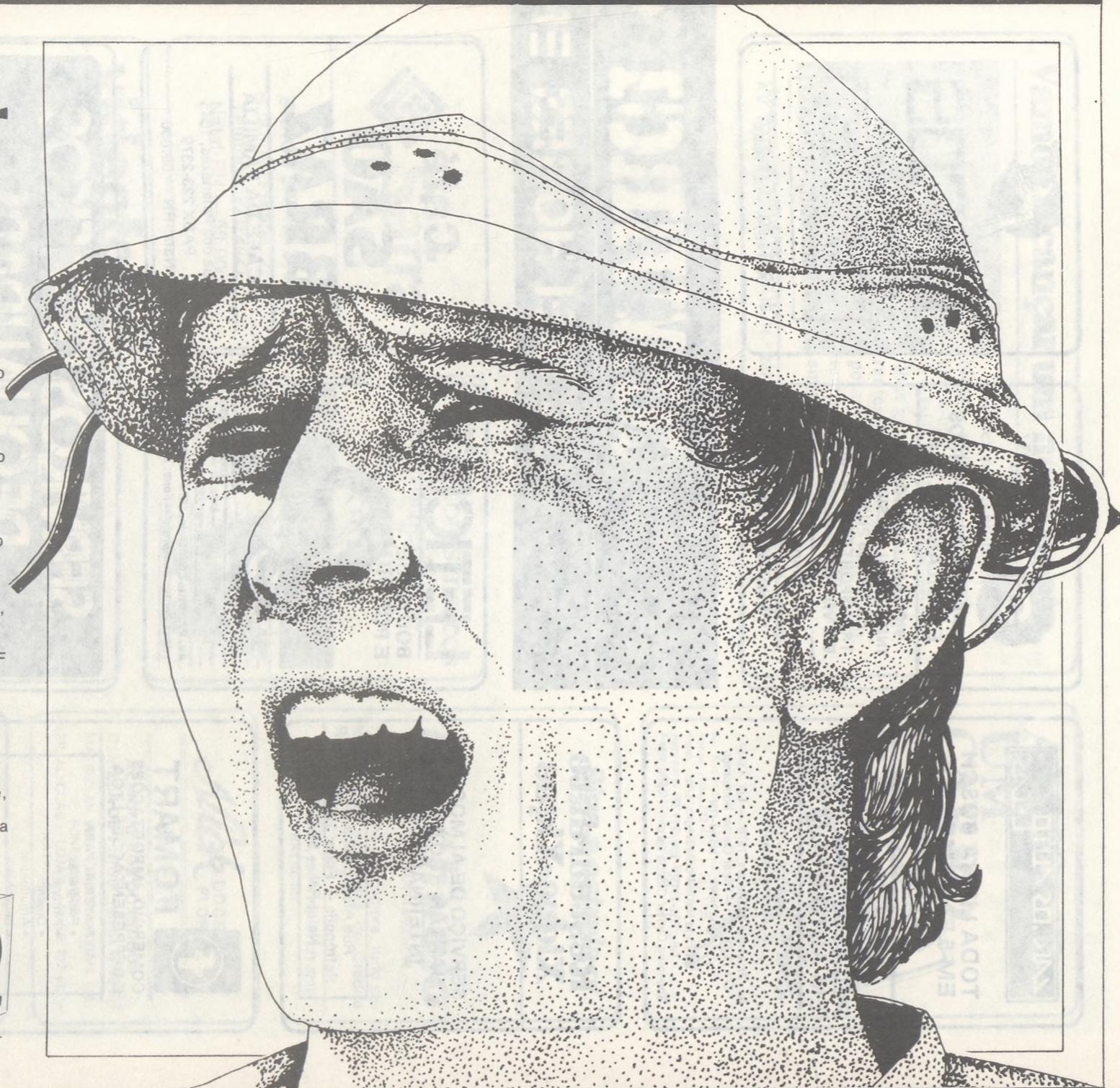
Financiando novilhas mestiças leiteiras, aos pequenos produtores do Estado, com cinco anos de prazo, incluindo dois anos de carência, e juros de 35% ao ano, o Governo oferece oportunidade de melhoria da renda do pequeno produtor, elevando o nível alimentar de cada família.

O Projeto Curral foi criado para ajudar aos pequenos produtores rurais, que vivem exclusivamente da exploração da propriedade, e que não tenham adquirido animais financiados, por nenhuma instituição bancária, nos anos de 1984 e 1985.

As inscrições para o Projeto Curral, podem ser feitas mediante apresentação da escritura da propriedade, registro do INCRA, CPF e Carteira de Identidade do proprietário.

Cada produtor vai ganhar lotes de duas ou três novilhas, pelo preço de custo, adquiridas fora do Estado e selecionadas por equipes da Secretaria da Agricultura e Emater.

Agora, que existe pasto abundante, o Projeto Curral vai contribuir para a recomposição do rebanho, aumentar a produção de leite e melhorar a alimentação das crianças.



Bandern
um bem da terra

Governo José Agripino
pela vontade do povo



Secretaria da Agricultura • Apoio: Emater/RN

**CARLOS AUTO
PECAS**

**TODA LINHA BOSCH
EM 5 PAGAMENTOS
S/JUROS.**

**EM CARLOS AUTO
PEÇAS UMA PROMOÇÃO
EM AUTO E BOM SOM.**

Rua Pte. Sarmento, 510 — Tel.: 223-2608
Alecrim - Natal-RN

Av. Prudente de Moraes, 1976 — Ljs. 43/44
Tel.: 221-2831 — Hiper Center Bompreço
Lagoa Nova. — Natal-RN

Estrada Natal-Ponta Negra, s/n
Tel.: 231-1119 — Ljs. 21/22
Shopping Center Cidade Jardim — Natal-RN



EMSERV

**EMPRESA DE SERVIÇOS
E VIGILÂNCIA LTDA.**

**VIGILÂNCIA BANCÁRIA,
INDUSTRIAL, RESIDENCIAL
E ÓRGÃOS PÚBLICOS.
TRANSPORTE DE VALORES
EM VIATURAS BLINDADAS.**

Av. Campos Sales, 682
Fones: 222-1810 — 222-1360
Natal-RN — 59.000



OARCOS
COMPUTAÇÃO

**TREINAMENTO
PROFISSIONAL E
ASSESSORIA LTDA.**

AV. DEODORO, 751 — FONE: 222-8571
NATAL-RN — CEP 59.000

**Restaurante
Xique-Xique**

**SERVIÇO DE ALMOÇO E
JANTAR — COZINHA
INTERNACIONAL**

Rua Afonso Pena, 444
Petrópolis — Fone: 222-4426
Natal-RN — 59.000



FOMART
**COMÉRCIO, IMPORTAÇÕES
E REPRESENTAÇÕES LTDA.**

MATERIAL PARA:

- Fotografias;
- Pintura;
- Desenho;
- Arquitetura;
- Engenharia.

Shopping Center Cidade Jardim - Loja 17
Estrada de Ponta Negra, s/n
CEP 59.000 — Natal-RN



**CONCESSIONÁRIO DO
CENTRO DE CULTURA
ANGLO AMERICANA**
INGLÊS AUDIOVISUAL

O C. C. A. abre matrículas para o 2.º semestre-85. CURSOS: Regular, de Viagem, Intérprete, Inglês Comercial. O C. C. A. veio para servir. Venha ficar com a gente.

AV. RIO BRANCO, 767 — TEL.: 221-1468
CIDADE ALTA — NATAL-RN

COMÉRCIO
OS MELHORES EN

LETICIA'S

**BOUTIQUE
E POP**



Av. Afonso Pena, 394 — Loja 02 — CCAB
Petrópolis — Fone: 222-4100
Av. Prudente de Moraes, 1976 — Lojas 26-A
Hiper Center Bompreço — Fone: 231-7034

Café
**SÃO
BRAZ**

O CAFÉ DA FAMÍLIA

Rua dos Paianazes, 1545
PABX 223-2379
Natal-RN — 59.000

**SERVIÇOS GRÁFICOS
DE QUALIDADE**

Do lay-out a impressão,
RN/ECONÔMICO tem a solução.
Formulários, notas fiscais,
cartazes, material de expediente,
tipográfico ou off-set, procure
RN/ECONÔMICO. Faça do seu
material sua apresentação.



**FAÇA COMO MAIS DE
200 EMPRESAS, PROCURE
RN/ECONÔMICO!**

RN/ECONÔMICO
Rua São Tomé, 421 Tel. 222-4722 Centro

Vamos alcançar um novo posto.



Rapidez no atendimento, ambiente amplo e agradável — check-up.

6 lojas de produtos e serviços, ilhas geladas (sorvetes e refrigerantes), loja Use e super-troca, possui 2 pavimentos que permitem abastecimentos de 17 carros simultaneamente.

AV. PRUDENTE DE MORAIS, N.º 2376, LAGOA NOVA — NATAL-RN

ALUGUE UM CARRO



Av. Rio Branco, 420 — Centro
Fones: (084) 222-4144 — 223-1106
Telex: 084-2544 — DUDU-BR
Aeroporto Int. Augusto Severo
Fone: 272-2446 — Natal-RN

& SERVIÇO PREÇOS DE NATAL



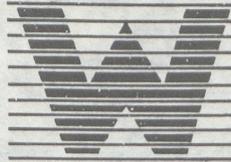
BANCO SAFRA S/A
Rua João Pessoa, 270
Telefone: 221-2421
Natal-RN — 59.000

As melhores marcas
em material de
expediente e
escritório.

WALTER PEREIRA
LIVRARIA E PAPELARIA LTDA.

LIVRARIAS:

- ISMAEL PEREIRA (Ribeira)
- UNIVERSITARIA (C. Alta)
- WALDUPE (C. Alta)
- MODERNA (Aleclim)



Siga a estrela



Riachuelo

ONDE VOCÊ COMPRA MELHOR

Para fazer uma boa compra, tudo pelo Jet-Cred ou Cartão de Crédito Riachuelo.

R. JOÃO PESSOA, 254 — FONE: 221-3727
NATAL-RN

videofoto mania é pra sempre

HIPER CENTER BOMPREÇO
TELEFONE: (084) 222-7607



CHINA'S
TURISMO

EMBRATUR 03467-00-42-4

Passagens, excursões aéreas, marítimas, rodoviárias nacionais e internacionais. Crédito — Conta-Corrente — Aluguéis de carros — Traslados e passeios pela cidade.

PASSEIO MARÍTIMO EM VELEIRO — Saída diariamente às 09:00 horas do late Clube, indo até a Praia de Ponta Negra. Preço por pessoa: USD 10.00.

FERNANDO DE NORONHA — Cruzeiro inesquecível em veleiro — Duração 7 dias, incluindo um dia em Atol das Rocas, estadia e refeição à bordo. Preço por pessoa: USD 160.00.

Rua Jundiá, 340 — Tirol
Tel.: (084) 222-4685 — 222-0180
CEP 59.000 — Natal-RN

Nick DOCES E FLORES

BUFFET

ALMOÇO AOS DOMINGOS
C/MESA DE FRIOS — CHÁ DAS 5.

MATRIZ: AV. PRUDENTE DE MORAIS, 618
FONE: 222-3318
FILIAL: CCAB — LOJA 6 — FONE: 222-4833-
NATAL-RN

SPORT
Master

Agasalhos esportivos, fardamentos colegiais, fabricação própria, serviço completo em silck-screm, material para natação, balé e ginástica, camisa, colchões, colantes, tênis, etc.

RUA MOSSORÔ, 324 — FONE: 222-5429
NATAL-RN



Cooperativa dos Produtores
Artesanais do Rio Grande do Norte
FUNDADA EM 30 DE OUTUBRO DE 1963

Comercializa artigos de artesanato em palha de carnaúba e sisal, bolsas, sandálias, tapetes, serviços americanos e outros.

Rua Jundiá, 353 — Tel.: (084) 222-3802 — 222-0662
Endereço Telegráfico: "COPALA"
59.000 — NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

A união da economia forte com a beleza de uma festa

Composta de 22 Municípios, a Região do Seridó é uma das mais importantes do Rio Grande do Norte. Contando com cidades do porte de Caicó e Currais Novos, o Seridó oferece a sua importante contribuição em todos os aspectos, seja no campo industrial ou político, ao desenvolvimento do Estado. O suporte econômico da Região é a agricultura e a mineração. A produção de algodão e a extração de minérios, principalmente a scheelita, no Município de Currais Novos constituem o carro-chefe da economia seridoense, massacrada nesses últimos anos

área rural e 93.400 na área urbana. O Município mais populoso é Caicó com 41.100 habitantes, vindo em seguida Currais Novos com 38.100. Desse total populacional, entretanto, apenas 155.814 constituem a População Economicamente Ativa — PEA.

Dessa População Economicamente Ativa, 27.992 seridoenses ganham até meio salário-mínimo, o que representa um percentual de 18 por cento, e 26.741 conseguem ganhar um salário-mínimo integral. Para se ter uma idéia, da PEA de Caicó, que é de 30.702 habitantes,

10.029, ou seja, 33 por cento recebem um salário-mínimo.

REPRESENTAÇÃO POLÍTICA

— Essa gente, no entanto, não está sem voz. O Seridó é a Região do Rio Grande do Norte que mais tem representantes na Assembléia Legislativa, sem falar nas lideranças nacionais e em filhos ilustres que hoje ocupam cargos importantes tanto na área estadual como na área federal.

Na Assembléia Legislativa, o Seridó conta com 6 parlamentares: Vivaldo Costa (PDS/Caicó), Nelson Queiroz (PDS/Jucurutu), Padre



Currais Novos: festa...

em virtude da longa estiagem que se abateu sobre o Rio Grande do Norte.

A Região do Seridó, segundo dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE, no final de 83, tinha uma população de 219.500 habitantes, sendo 126.100 residentes na



... e a scheelita

Cortez (PMDB/Currais Novos), Mônica Dantas (PMDB/Acari), Willy Saldanha (PFL/Jardim de Piranhas) e Manoel Torres (PMDB/Caicó). Na Câmara Federal, a Região é representada pelo Deputado Wanderley Mariz, filho do Senador Dinarte Mariz, falecido no ano passado e que foi, sem dúvida, a voz da Região que falou mais alto na Capital Federal.

AGRICULTURA E MINERAÇÃO

— A indústria de extração e transformação de minério, principalmente o tungstênio, constitui-se no carro-chefe da economia seridoense. Para se ter uma idéia, no ano de 81, segundo o IBGE, foram produzidas no Rio Grande do Norte 2 mil toneladas de tungstênio beneficiado, produção esta avaliada em Cr\$ 1,3 trilhão. Praticamente toda esta produção foi retirada das minas do Seridó, sediadas, principalmente, no Município de Currais Novos.

O outro ponto importante da economia do Seridó é a agricultura e a pecuária, apesar de ambas as atividades terem sido muito prejudicadas pelos cinco anos consecutivos de seca. De acordo com os dados le-



Seis representantes na AL

vantados pelo IBGE, existem no Rio Grande do Norte cerca de 13.200 estabelecimentos agrícolas que ocupam uma área de 826.370 hectares. Uma área de 668.178 hectares está nas mãos de 8.024 proprietários. Enquanto isso, 1.871 arrendatários ocupam apenas 45.375 hectares.

Desses 826.370 hectares, em 82, 76.787 foram utilizados para o cultivo do algodão arbóreo, atingindo uma produção de 6.241 toneladas. A

estiagem não foi somente implacável com os algodoads, destruídos por gafanotos e agora pela praga do bicudo; atingiu duramente também o rebanho bovino. O IBGE dispõe de dados relativos a 81 e 82. Em 81, o rebanho da Região, que era de 150.981 cabeças, caiu em 82 para 141.270 cabeças.

CAICÓ E SUAS LENDAS — O Município mais importante da Re-

A tradição da alegria no reencontro com Sant'Ana

“Aqui fala o serviço de publicidade «A Voz do Parque Lima». Rosinha, abra o seu coração com a chave da ingratidão para escutar essa música que um alguém lhe oferece. Com Valdick Soriano, Coração Ferido”. O anúncio do locutor era inconfundível. Caía a noite na Praça da Matriz e as bocas de aço do Parque Lima começavam a transmitir.

O parque de diversões numa festa de padroeira é indispensável. Ele compõe a paisagem, diverte as pessoas criando um clima de alegria, com gosto de pipoca, algodão doce e sorvete de cajarana. É para o parque que as crianças querem ir. É no carrossel, na rodagigante, nos balanços que as crianças querem brincar.

O Parque Lima marcou presença constante nas festas de Sant'ana

de Caicó e Currais Novos nas décadas de 60 e 70, principalmente. Ninguém resistia a passar em frente a uma barraca de tiro ao alvo e não pegar a espingarda de ar comprimido e tentar acertar os coelhinhos de madeira que passavam em fila ao fundo.

Também era impossível não parar diante do «laça-laça». Munidos de pequenas argolas de madeira, as pessoas esforçavam-se para conseguir laçar carteiras de cigarro. E a pescaria? Pescar com vara e anzol de verdade uma papeleta da sorte.

Mas, numa festa de padroeira como a Festa de Sant'ana de Caicó, há outras peculiaridades interessantes. O passeio ao redor da pracinha, por exemplo. Os homens girando para um lado, as mulheres para o outro. E, nesse vai-e-vem,

surgiam os «flertes», posteriormente transferidos para os bailes realizados nos tradicionais clubes da cidade.

A banda de música também se constitui numa grande atração da festa. Durante os dez dias, ela acorda a cidade quando o sol nasce. E ao meio-dia, sol à pino, tem a «tocata» no patamar da Igreja, perto do mastro onde está hasteada a bandeira da Santa. Depois da «tocata», a banda sai pela cidade executando o seu repertório pela rua, arrastando atrás de si um grupo de meninos que acompanha o passo lento e cadenciado dos músicos.

O Maestro José Mário. Todos lembram dele em Caicó. Moreno, corpo fino, clarineta em punho. Farda cáqui, quepe preto exibindo um vistoso emblema dourado. Depois da saudação à Santa, o Maestro iniciava um passeio pelas ruas da cidade: “Ordinário”, e soava forte o bombo de Vicente Peitica. “Batista de Melo”, decidia o Maestro, e a bandinha ia caminhando lentamente, “tocando coisas de amor”.

gião Seridó é Caicó, uma cidade centenária. O povoamento da Região está intimamente ligado ao de Caicó, berço dos índios «Caicós» que habitavam as proximidades da confluência dos rios Seridó e Barra Nova. Segundo a lenda, “quando o Sertão era virgem dos pés brancos, a tribo dos Caicós, de uma ferocidade terrível, julgava-se invencível, porque seu Deus, Tupã, ali vivia encarnado num touro selvagem que morava num intrincado mofumbal, onde se encontra hoje a cidade de Caicó. No entanto, a tribo foi exterminada na guerra dos silvícolas, permanecendo intacto o mofumbal com o seu Deus. Certo dia, um vaqueiro inexperiente, tendo penetrado no mofumbal, sentiu-se repentinamente atacado pelo touro bravo e sagrado que, com certeza, iria exterminá-lo se não tivesse no momento tido a lembrança de prometer a Sant’ana construir uma Capela com sua invocação, caso fosse livre de tão grande perigo; como por encanto, o touro desapareceu. Alcançando o milagre, o vaqueiro des-

truiu a mata e iniciou logo a construção do templo prometido”.

Como todo seridoense, o caicoense é hospitaleiro e gosta de receber os visitantes, principalmente nesta época, quando realiza-se o seu mais importante evento: a Festa de Sant’ana, padroeira da cidade. Durante dez dias, a população participa de procissões, missas, novenas, barracas, pastoris, passeios ao redor da praça da Liberdade, com banda de música tocando no coreto, rifas, bazares, leilões, parque de diversões e os bailes, destacando-se o dos «Coroas», que mantêm a tradição dos homens vestirem terno e gravata e as mulheres «vestido de festa».

O segundo Município mais importante da Região é Currais Novos, nome que vem dos «currais», construídos por Cipriano Lopes Galvão, um coronel que se estabeleceu na Região em meados do século XVIII. Em torno dos «currais» construídos pelo Cel. Cipriano, reuniam-se inúmeros vaqueiros, principalmente na época de aparação de gado. □

SERIDÓ II

O clima político é quente mesmo num ano sem eleição

Embora Caicó não seja Capital do Estado, nem tampouco área de segurança nacional ou estância hidromineral, a cidade vive por estas épocas um clima político tão agitado, que os mais desavisados poderiam pensar que as eleições acontecerão neste 15 de novembro ali. No momento, as brigas e escaramuças chegam às ruas e dividem os partidários do Deputado Vivaldo Costa (PDS, mas de malas arrumadas para se transferir para o PFL) e o candidato a Deputado Estadual Irami Araújo, ex-Prefeito de Caicó que está realizando um árduo trabalho no Município para cooptar o eleitorado fiel a Vivaldo Costa e ampliar suas bases.

Entretanto, apesar do trabalho de Irami Araújo, paraplégico, recentemente afetado por um acidente vascular, o eleitorado de Vivaldo continua firme. O Deputado detém uma alastrada base eleitoral, que vem aumentando desde a época do ex-Senador Dinarte Mariz, líder po-

lítico na região e bastante entrosado com Vivaldo. Não é a toa que Vivaldo Costa mantém sob seu controle quase que todas as entidades do Município, seja no âmbito federal, como é o caso do Campus Avançado — que é dirigido pelo seu irmão Tarcísio Costa — ou nas representações do Governo Estadual. Um outro seu irmão dirige o Núcleo Regional de Caicó (Nure).

No tocante ao Município, as forças políticas se dividem: enquanto a



Vivaldo Costa

Prefeitura está entregue a um correligionário do candidato Irami Araújo, o vice-Prefeito Darci Fonseca — pois o Prefeito de fato, Vivaldo Costa está em permanente tratamento de saúde (complicações de origem nervosa) — o Deputado Vivaldo perde o poderio que se estendia também ao Município.

AVALIAÇÕES — Porém, as avaliações mais abalizadas que chegam sobre Caicó, dão conta que Vivaldo continua imbatível à Assembléia Legislativa e que dificilmente o PFL e o PDS juntos farão mais do que um deputado na região. O que confunde um pouco estas informações é que a enfermidade de Irami Araújo instalou-se para beneficiá-lo um pouco no que diz respeito a sua popularidade.

À parte a dominação política de Vivaldo Costa, muito bem instalado na máquina governamental, comenta-se também no Município que ele estaria ensaiando uma dobradinha com o candidato a Deputado Federal, Flávio Rocha, o que obrigaria a se mudar para o PFL. Mas, também, fortaleceria sem sobra de dúvidas o seu projeto de continuar na Assembléia Legislativa. Irami Araújo, por sua vez, já compromete-se com o candidato Lavoisier Maia, mas o poderio econômico será o fiel da balança em 1986 e não bastará, tão somente, o prestígio pessoal do candidato.

OPOSIÇÕES — Enquanto o PDS e o PFL disputam espaços e utilizam-se da máquina governamental para fazer valer o poderio eleitoral, o PMDB continua a atuar com as mesmas lideranças que apresentou em eleições passadas. O Deputado Manoel Torres, que era suplente do PMDB e hoje ocupa uma vaga na Assembléia Legislativa, não se pronunciou ainda sobre reeleição, mas o candidato a Prefeito, Oberdan Damásio, derrotado em 1982, já trabalha em sua candidatura para Deputado Estadual.

Oberdan Damásio dirige a Maternidade Regional de Caicó, e permanentemente trabalha em suas bases eleitorais, sempre ligado ao grupo político do ex-Deputado Roberto Furtado. No entanto, Damásio acredita que contará com o apoio político de Manoel Torres para lançar-se candidato à Assembléia e, ainda este mês deverá conversar sobre o assunto com Torres. □

REFLEXÕES SOBRE CONSTITUINTE (II)

Afinal, o que é Constituinte?

 NEY LOPES DE SOUZA

Está convocada a Assembléia Nacional Constituinte, com instalação em janeiro de 1987. A TV-U do RN fez uma enquete popular e mais de 90% dos entrevistados não conhecia o assunto. Ouvido pela televisão, declarei: "Se o povo não aprender a importância da Constituinte é melhor que ela não exista. Deixe-se tudo como está".

Afinal, o que é Poder Constituinte?

(1) O Poder Constituinte existe no Estado, cujo atributo principal é constituir uma sociedade natural de indivíduos, aspirando todos a realização do bem geral ou bem público. O Estado é decorrência da inteligência e a vontade dos governantes e governados. O homem não se emancipa jamais da tutela do Estado. O brasileiro, por exemplo, antes de nascer já se subordinou a proteção dos direitos do nascituro e depois da morte é o Estado do Brasil que executará suas últimas vontades. A vontade social está depositada nas mãos do Estado.

(2) O Poder Constituinte seria um Poder do Estado? Não. Modernamente os Poderes do Estado são Judiciário, Legislativo e Executivo. O Poder Constituinte é aquele que permite ao Estado sua auto-organização. O surgimento do Estado é condicionado por regras históricas e jurídicas, embora pessoalmente aceite a tese de que o direito precede o Estado. O Estado brasileiro surgiu, a exemplo dos EEUU, em colônias antigas, que resolveram romper com as Metrôpoles. Israel e alguns Estados africanos, nasceram de decisões jurídicas internacionais. São exemplos de fatos históricos e jurídicos integrados na origem do Estado.

(3) O Poder Constituinte, isto é, a auto-organização como os cidadãos no gozo e uso dos direitos políticos (votar e ser votado). Esse Poder Constituinte é originário, no momento da organização do Estado, ou seja, em 1822, quando o Brasil obteve sua Independência. É derivado (ou instituído) quando a Constituição é emendada, através do sistema representativo (Poder Legislativo).

O Poder Constituinte, portanto, é usado para elaborar a Constituição, que significa as regras que dão ordem jurídica ao Estado.

(4) Em determinados momentos históricos os Estados decidem convocar o Poder Constituinte originário, isto é, o povo elege a Assembléia Nacional Constituinte, com a missão de redigir uma nova Constituição. Vê-se que o sistema representativo prevalece, legitimando os legisladores eleitos para fixar as regras constitucionais.

É o caso atual do Brasil: foi convocada a terceira Assembléia Nacional Constituinte de nossa história política, desde 1822. Ela será eleita em 15 de novembro de 1986, o que significa dizer: o voto para eleger deputados e senadores no próximo ano é um pedaço da vida de cada eleitor. Não pode haver erro ou equívoco. O eleito vai fazer a Constituição, que é a lei maior do País, porque não se trata de pleito eleitoral simples, mas especial (indicação da Assembléia Nacional Constituinte).

(5) O Estado brasileiro atual não permite ao homem desposar sua irmã, mas permite que ele possa desposar sua prima. Não permite o confisco de bens particulares, reconheça a propriedade privada, impeça a criação de impostos no mesmo exercício fiscal... Tudo isso pode mudar de uma só vez, porque os eleitos para Assembléia Nacional Constituinte, na eleição do próximo ano, podem manter ou alterar essas regras.

(6) Observe-se que o Poder Constituinte auto-organizador do Estado não é minudente. A Constituição deve ser a mais genérica possível. Porém, nela estarão todos os princípios ligados ao funcionamento dos Poderes, garantia dos cidadãos, da família, da propriedade, da Religião, da Educação, da cultura, do pacto político...

(7) Quem for eleito em 1986 terá que ter a noção do seu dever. Do contrário, o Brasil irá para um abismo maior do que se encontra. A Constituição futura do País, como manifestação do Poder Constituinte de 1986, terá que refletir no seu texto os critérios de legitimidade dos governantes e a limitação da sua autoridade. Sem essa noção a democracia é fantasia. São os chamados freios e contra pesos, a serem inseridos em vários dispositivos da futura Carta Magna.



Um jardim em cada esquina

EDUCAÇÃO

A proliferação de jardins de infância em cada bairro

Apesar dos índices alarmantes de analfabetismo e do número de crianças em idade escolar fora de sala de aula, Natal pode se considerar uma cidade privilegiada em termos de pré-escolar ou jardim de infância. Vale lembrar, porém, que esse fato não contribui de forma alguma para diminuir os índices registrados, uma vez que quem está em Jardins de Infância é aquela criança mais beneficiada financeiramente, enquanto que os menores que não conseguem entrar na escola são exatamente a maioria que está na faixa econômica mais pobre.

A criação de Jardins de Infância, antes restrita aos bairros mais nobres da cidade — onde residia a população economicamente privilegiada — virou moda e chegou até aos bairros. Hoje, há uma verdadeira proliferação de pré-escolas, principalmente nos conjuntos habitacionais onde, antes de serem ocupados, alguém já está pensando em instalar uma pequena escola para atender a demanda dos futuros moradores. Para se ter uma idéia, basta citar o caso do Conjunto Cidade Satélite, com pouco mais de dois anos ocupado, que tem mais de dez Jardins de Infância, dois dos quais

são «filiais» como o Instituto Brasil (que também existe na Hermes da Fonseca) e a Universidade da Criança. Ponta Negra, também um conjunto onde predomina a classe média, há quase uma pré-escola em cada esquina. No Mirassol, um conjunto mais antigo e menor, tem quatro (Disneylândia, Primavera, Aladim e Pequeno Guri).

Mas não é somente nos conjuntos de classe média que a «fábrica» de escolinhas está presente. No Con-



Dalva Feitosa: irregularidades

junto Guamaré, por exemplo, com cerca de 700 famílias (e aproximadamente 4 mil pessoas, contando que a média de uma família é de três filhos), estão localizadas duas pré-escolas: Pinguinho de Ouro e Janelinha do Saber.

IRREGULARIDADES — É verdade que a população infantil do Rio Grande do Norte e de Natal, mais especificamente, tem crescido bastante nos últimos anos, e os novos hábitos da população (mulher e homem trabalhando fora de casa) têm contribuído para o crescimento dessas escolas, que se transformaram também num lugar onde as mães deixam seus filhos uma boa parte do tempo, sem maiores preocupações. Nesses Jardins de Infância, onde as crianças normalmente estão divididas nas modalidades de «Escola Maternal», «Jardim de Infância» e «Preliminar», há meninos e meninas de até 1 ano e meio de idade.

Montar uma pré-escola talvez seja um bom negócio, conforme diz a professora Dalva Feitosa, Subcoordenadora de Inspeção Escolar da Secretaria de Estado da Educação e Cultura, que comenta: “Tem pessoas que vêm de outro Estado morar aqui e a primeira coisa em que pensa é montar uma pré-escola”. Ela acredita que a maioria dessas escolas são criadas com fins lucrativos e, mesmo dispondo de uma legislação que rege sobre a autorização de funcionamento do pré-escolar, Dalva diz que a função da Secretaria tem sido de orientar as pessoas interessadas e as escolas já existentes, para que essas instituições adquiram condições de funcionamento.

Embora existam algumas de que a Secretaria de Educação ainda não tomou conhecimento, ela informa que existem 65 cadastradas e com processos tramitando na Inspeção Escolar, das quais somente 24 são autorizadas e, conseqüentemente, a grande maioria (41) não está regularizada. A SEC não tem tomado medidas de repressão, frisa Dalva, mas procurado orientar para que essas escolas sejam regularizadas. Ainda assim, ela acha que esse trabalho tem sido infrutífero, porque os responsáveis não tomam conhecimento das orientações.

De acordo com as normas do Conselho Estadual de Educação, “são consideradas pré-escolas as instituições que ministram a educação anterior ao ensino de 1.º grau com

objetivo de formar hábitos sadios, habilidades adequadas e atitudes que favoreçam o equilíbrio da criança". De forma geral, as condições exigidas para funcionamento de uma pré-escola dizem respeito, ainda, a "condições físicas adequadas (presença de área livre, existência de salas-ambientes e instalações sanitárias adequadas à faixa etária atendida pela Instituição), pessoal devidamente qualificado (diretor com Licenciatura em Pedagogia ou curso correlato, orientadores ou professores portadores de Curso Pedagógico ou qualificação compatível com o tipo de atividade que irá orientar, e a guardiã deverá possuir escolarização de 1.º grau) e recursos materiais necessários à execu-

ção das atividades a serem desenvolvidas pela Instituição".

Completa, ainda, Dalva Feitosa que "a maioria dessas escolas não atendem às mínimas condições exigidas. Quando muito, atendem 50 por cento".

METODOLOGIAS DIVERSAS —

Cada pré-escola dessas aplica uma metodologia de ensino diferente, embora os princípios sejam os mesmos. Há quem goste e há quem critique. Paulo de Tarso, por exemplo, é funcionário da Universidade e tem uma filha de 5 anos no Preliminar de um Jardim de Infância (não diz o nome). Ele reclama da precocidade de sua filha, que já sabe ler jornal, endereços, etc. Para ele, ainda é

muito cedo para uma criança dessa idade aprender isso, e afirma que há amigos seus que reclamam também. Outro fato «interessante», informa Paulo, é que algumas crianças não conseguem acompanhar o ritmo das escolas e de alguns colegas, e portanto se sentem frustrados, muitas vezes se recusando a voltar à sala de aula.

Sônia Regina, funcionária da Funpec, tem uma filha de 4 anos no Jardim I da Pré-Escola Disneylândia, em Mirassol e vibra com os avanços da pequena estudante. E, ao contrário de Paulo de Tarso, se diz satisfeita com a metodologia utilizada. As opiniões divergem tanto quanto o número de escolas que Natal abriga hoje. □

Dois métodos diferentes e eficazes para pré-escolas

O fato é que essas escolas existem e são freqüentadas pelas crianças de Natal, mas há experiências interessantes e que podem fugir da pecha de Instituição «com fins lucrativos», como é o caso do Núcleo Educacional Infantil (NEI), mantido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, funcionando desde 1979 e a cada semestre aumentando cada vez mais a lista de espera. O NEI só aceita filhos de alunos, funcionários e professores da UFRN, mas sua diretora, Neide Balbino de Lima, garante que 50 por cento das vagas são para os filhos de alunos, e os 50 por cento restante ficam divididas entre professores e funcionários.

O Núcleo atende 200 alunos em dois turnos, com 25 em cada sala de aula (o ideal seria 20 alunos para dois professores, frisa Neide) e dois professores, e utiliza o "trabalho orientado cognitivamente, baseado na Teoria de Piaget". Segundo Neide Balbino, isso significa que há preocupação do desenvolvimento integral da criança, com atendimento individual, de acordo com as características de cada um.

"A criança escolhe a atividade que quer fazer", observa Neide, lembrando que, na escola tradicio-

nal o planejamento é feito pelo professor. No NEI, o planejamento é feito dependendo da necessidade da criança. Para aplicar essa metodologia, o corpo docente é treinado, antes de começar a ensinar, por dois especialistas na chamada metodologia de Keiport: os professores Kinho Chaves e Ana Maria Melo (da UFRN).

O sucesso dessa escola é comprovado pela lista de espera (450) e não tem vaga nem para o próximo semestre, diz Neide Balbino. Além da grande procura, a evasão é muito pequena, "a não ser quando os pais saem para fazer Mestrado ou Doutorado", argumenta ela.

A CASA — A Casa — Centro de Artes, Socialização e Aprendizagem — é outra Instituição que foge dos padrões das pré-escolas existentes na Capital, embora os princípios básicos de ser uma escola imposta pelo homem e não uma coisa natural sejam os mesmos, diz uma das professoras e coordenadoras, a psicóloga, Sylvia Cláudia de F. Melo. A Casa funciona desde '84, no bairro de Morro Branco, e hoje conta com 157 alunos, distribuídos entre o Pré-Escolar (crianças a partir de 1 ano e oito meses) e Alfabeti-

zação (1.ª e 2.ª séries do 1.º Grau).

A proposta é fazer com que a criança participe o máximo possível das atividades, não como um ser passivo, mas como um ser criativo. "Todos os estudos teóricos mais aprofundados sobre aprendizagem da criança concluem que a aprendizagem se dá pela ação concreta da criança sobre as coisas", justifica outra Coordenadora da Casa, a pedagoga Denise Maria de Carvalho, que exemplifica essa teoria afirmando que a criança observa um animal, o seu processo de transformação, para daí ouvir do professor (orientador) o que foi esse processo. "Eles manipulam materiais, aprendem na prática os conceitos de espaço no próprio movimento. Nós procuramos dar poucas informações teóricas".

Outra preocupação da Casa é desenvolver a sensibilidade da criança pelas coisas do mundo, como também despertar a sua curiosidade.

Para o jornalista Aldemar de Almeida e Silva, que tem seu filho Ribinha, de cinco anos, estudando na Casa, o resultado tem sido satisfatório — "ele já conhece as letras, sabe escrevê-las e tem boa coordenação motora". Um outro fator positivo, mostra Aldemar, é a equipe da escola, que é composta de psicólogos, pedagogos e assistentes sociais. "O sistema de avaliação é muito bom. E eles sempre estão reunindo os pais para discutir o desempenho dos filhos", conclui.

O duro caminho para tornar legal o Partido Comunista

Desde a época em que foi fundado — março de 1922 — até hoje, o Partido Comunista foi obrigado a percorrer um caminho cheio de dificuldades, em virtude da repressão que seus membros sofreram nestes anos em que viveram na ilegalidade. Clandestinos, os seus dirigentes e militantes foram presos, torturados e sofreram todo o tipo de repressão, principalmente no Pós-64, período em que a luta tornou-se ainda mais difícil.

Hoje, o Partido Comunista Brasileiro — PCB, sai da clandestinidade para ocupar, às claras, um espaço político junto à sociedade brasi-

meira vez. Reconquistou-a em janeiro de 1927 e, já em agosto, foi novamente posto na ilegalidade.

Para concorrerem à Constituinte de '34, os comunistas tiveram que se abrigar sob a legenda da União Operária e Camponesa, uma legenda já registrada, isto porque o Tribunal Eleitoral indeferiu o pedido de registro do PC, sob a alegação de tratar-se de um partido «internacionalista».

Veio a fase do Estado Novo, após o golpe de 1937. Neste período, nenhum partido pôde organizar-se e funcionar legalmente. Em setembro de '45, o PC conseguiu um registro

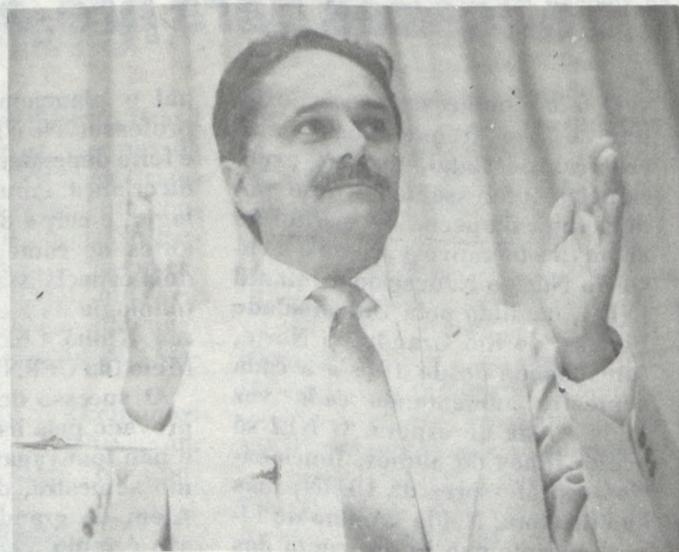
junto a Guarnon, por exemplo, com ações de repressão do Regime Militar. Parte dessas organizações passou a atuar dentro do então MDB. Com a promulgação da anistia em '79 pelo Presidente Figueiredo, suas lideranças voltam ao Brasil ou saem da clandestinidade. Seus partidos, no entanto, permanecem na ilegalidade.

Ainda na ilegalidade, os PCs e outras organizações de esquerda passaram a atuar dentro de outros partidos, como o PMDB, PDT e PT. Durante a campanha pelas eleições diretas para Presidente da República, em '84, os comunistas ganharam as ruas e tiveram uma presença ostensiva durante os comícios realizados em todo o País. Estava deflagrada, portanto, a campanha pela legalização que ora se efetiva.

CONGRESSO — Depois de '64, em todos os Estados brasileiros e em particular no Rio Grande do Norte, o Partido Comunista Brasileiro teve que enfrentar a persegui-



Vulpiano, um símbolo



Hermano Paiva: estratégia democrática

leira. No Rio Grande do Norte, essa agremiação já tem, inclusive, Comissão Executiva Provisória instalada sob a presidência do deputado estadual Hermano Paiva, que trabalha ao lado de comunistas tradicionais, entre os quais se incluem o médico Vulpiano Cavalcante, considerado o símbolo da resistência no Estado.

TRAJETÓRIA — A contar da data de sua fundação, o Partido Comunista teria apenas três meses de vida legal. Quando da decretação do Estado de Sítio, em julho de 1922, sua legalidade foi cassada pela pri-

visório. No entanto, em maio de '46, novamente este registro foi cassado. A Lei n.º 8.063 proibia o funcionamento de partidos considerados «anti-democráticos», que fossem filiados a organizações internacionais ou recebessem dinheiro do exterior.

Somente após o Governo de Eurico Gaspar Dutra, o Partido Comunista foi tolerado, passando a ter uma maior liberdade no Governo João Goulart. Além das restrições legais, o PC e outras organizações de esquerda, surgidas a partir das cisões internas no partido, foram duramente perseguidas pelos ór-

ção imposta pelo Regime Militar que acabara de se instalar no País. O que existia na realidade, em termos de Partido Comunista, era um grupo formado por cerca de dez jovens.

Com o início do debate para o VI Congresso do PC, esse grupo ficou atento à reorganização do Partido. No início de '66, o grupo iniciou os primeiros entendimentos com o médico Vulpiano Cavalcante, que sempre segurou a bandeira comunista no Rio Grande do Norte.

Foi a partir dessa conversa que surgiu a idéia de oferecer sangue novo ao Partido. Desse grupo, par-

ticipava Hermano Paiva, Ivaldo Caetano, Gileno Guanabara, Dagmar Fernandes, Juliano Siqueira, Emanuel Bezerra, Manoel Duarte, Manoel Jackson e Luciano Almeida. Desses, apenas o advogado Gileno Guanabara participava do Partido antes de '64.

O grupo iniciou, então, uma série de reuniões preparatórias com a presença de Vulpiano Cavalcante e de Pedro Vicente, um comunista que chegara a Natal, procedente de Recife, fugindo da repressão naquele Estado.

Esse foi o reinício do PC no Rio Grande do Norte. Apesar de nunca ter deixado de existir no País, foi es-traçalhado em várias partes em quase todos os Estados brasileiros. Aqui no Rio Grande do Norte, segundo contam os comunistas, o Partido perdeu expressivas lideranças de massa, como foi o caso de Luiz Maranhão.

A organização do PCB se deu realmente após '64. Antes, era uma organização débil. Instalado o período revolucionário, o Partido passou a ter uma organização absolutamente clandestina, mas com vínculo de base e de direção provisória defini-

dos. Antes de '64, havia confusão até na identificação dos membros do Partido: quem apoiasse a linha do Partido era considerado comunista. Ninguém sabia quem era dirigente e quem era militante, quem era comunista e quem era amigo de comunista.

DIFICULDADES — Para manter o Partido organizado, os comunistas tiveram muitas dificuldades. Até mesmo as anotações, feitas durante as reuniões preparatórias ao VI Congresso realizado em dezembro de '67, eram destruídas ou passadas verbalmente para um emissário da direção nacional, que levava os informes.

No entanto, a maior dificuldade enfrentada pelos comunistas, nessa fase de retorno à legalidade, foram os serviços de informação que também funcionaram como veículos de repressão. Reuniões tinham que ser feitas dentro de automóveis, em praças distantes ou em salas de aula nos fins de semana.

Quando a discussão não era muito formal nem havia muita contradição, as reuniões poderiam ser feitas em bares, dando a impressão de

que ali havia uma comemoração qualquer. Para despistar o garçom, bebiam alguma coisa e assim passavam despercebidos dos órgãos de informação. Esse processo foi muito usado quando a discussão não era polêmica. Quando era, as reuniões, então, eram realizadas em sítios ou casas de praia cedidas por amigos dos comunistas.

Nessas reuniões importantes, a presença do médico Vulpiano Cavalcante era evitada em virtude de ser ele uma pessoa muito conhecida da comunidade de informações. Algumas vezes, ele era reconhecido, por exemplo, por um guarda do Posto Fiscal, cuja esposa havia sido atendida por ele. Aí o esquema tinha que ser mudado. O roteiro a ser percorrido era alterado para confundir a Polícia.

DECADÊNCIA — O melhor período de organização do Partido no Rio Grande do Norte foi o que se seguiu ao VI Congresso realizado em '67. Apesar da ilegalidade, os seus dirigentes admitem que ele cresceu consideravelmente. Esta fase durou até '71.

Em '72, «caiu» um militante do

MUDA CAPEMI EM RITMO DE BRASIL NOVO.

Acompanhando a mudança do País com a chegada da Nova República, a Capemi renovou toda a sua estrutura no Rio Grande do Norte, e passou a atender desde o dia 25 de março na Av. Deodoro, 459.

Mas a mudança não pára por aí.

O crescimento da Capemi vai gerar novos empregos e, conseqüentemente, aperfeiçoar o atendimento aos seus clientes, agora em novas e amplas instalações.

Fique por dentro. Informe-se e desfrute desta mudança.



Partido em Fortaleza, responsável pelo funcionamento de uma gráfica clandestina que reproduzia, para o Nordeste, o material que vinha do Rio de Janeiro. Pressionado e torturado, esse militante terminou «entregando» os pontos de referência, como também as ligações com militantes da região, inclusive de Natal. O ponto de Natal revelado foi o da entrega do jornal, um restaurante popular localizado no Mercado do Tirol.

O responsável pelo restaurante também fazia parte dos quadros dirigentes do Rio Grande do Norte. A sua prisão, após ser localizado pela Polícia, levou o aparelho repressor a tomar conhecimento dos pontos de ligação do Estado situados em Ceará-Mirim, Macau, Mossoró, Areia Branca, Caicó e Natal. Em virtude disto, parte da direção foi presa e isto prejudicou o processo de organização que estava em andamento.

TÁTICA — Uma das principais preocupações do Partido Comunista, nesta fase de volta à legalidade, foi o desgaste que sofreu perante a opinião pública de todo o País a partir do Golpe de '64. Para o Deputado Hermano Paiva, Presidente da Comissão Executiva Provisória da agremiação no Rio Grande do Norte, “o PC é um partido pequeno por causa dessa ilegalidade. É ainda um partido frágil culturalmente, além de numericamente, tudo por causa da ilegalidade. Por causa disto, vamos procurar melhorar a discussão interna para que possamos ter um partido grande, um partido de massas”.

Na legalidade, o Partido pretende, na opinião de Hermano Paiva, se constituir numa agremiação de massa, “comprometida com a nossa resolução política, ou seja, que tenha apreendido e pratique a nossa resolução, porque acreditamos ser ela rica, pois tem norteado os caminhos da revolução brasileira”.

A tática do PC continuará sendo a mesma que vinha sendo adotada na ilegalidade, ou seja, a continuidade da Frente Democrática até a implantação do Estado de Direito, que o Partido entende seja atingido com a Assembléia Nacional Constituinte: “A nossa estratégia é a democracia. Hoje e amanhã. Queremos uma democracia não como tática. A nossa questão se diferencia, inclusive, de outros agrupamentos também marxistas, porque nós quere-

mos uma democracia como tática e como estratégia, quer dizer, viabilizar um Governo para o Brasil que seja eleito por maiorias e mantido por maiorias. Respeitamos os princípios democráticos. As maiorias não têm o direito de esmagar as minorias, mas têm o direito de ditar as normas da condução da vida social”, disse.

É por este motivo que o Partido Comunista defende o pluralismo democrático: “Não defendemos apenas como tática” — ressaltou Hermano — “pois se ganharmos o Governo, pretendemos governar com maioria e, para que isto ocorra, é necessário que você tenha à frente”.



Uma legalização festejada



Gileno: antes de 64

ALIANÇA DE FATO — Para o dirigente do PCB, a Aliança Democrática, que forma a frente de apoio ao Governo, não se tornará de fato no Rio Grande do Norte. Isto porque, segundo ele, os políticos que têm mais força, que detêm as lideranças do PMDB e PFL, não querem se entender: “Na nossa opinião, não se entendem por questões pessoais. E mais do que isto: por questões personalistas e familiares. Lutamos para que eles se entendam, mas infelizmente não tem havido receptividade de nenhum dos lados”.

Disse ainda Hermano Paiva que “essas forças políticas se acham no direito de ganhar o poder sozinhas. Não vêem a questão da sociedade

como nós vemos. Pensam que podem ganhar e manter um Governo estável apenas com maiorias pouco significativas”.

O fundamento desse pensamento externado pelo Deputado Hermano Paiva é ilustrado pelo seguinte exemplo, que ele faz questão de lembrar. Segundo afirmou, “desde o primeiro momento, existe um entendimento perfeito entre as lideranças do PMDB e do Partido da Frente Liberal. Fora da Assembléia, entretanto, essas lideranças evitam até o cumprimento”.

No momento, o Partido Comunista não tem grandes pretensões eleitorais no Rio Grande do Norte. Para o seu presidente, o PCB não pretende, de imediato, disputar o poder isoladamente. Pretende disputar, ganhar e manter o poder através de frentes, “porque achamos que es-

sa divisão do Rio Grande do Norte é também uma divisão da sociedade. Um só partido não pode ganhar uma eleição. É exatamente por isso que defendemos o princípio da eleição em dois turnos, tendo em vista que a eleição de qualquer executivo se torna muito mais representativa por uma grande maioria”.

VOLTA À LEGALIDADE — No último dia 19 de junho, diante de um plenário lotado e ao som do hino da Internacional Socialista, o Partido instalou-se legalmente no Rio Grande do Norte. A festa reuniu co-

munistas de todos os matizes. Desde os tradicionais Vulpiano Cavalcante e Francisco Florêncio até os jovens Vereadores Sérgio Dieb e Wober Júnior.

O ato político serviu para instalar a Comissão Executiva Provisória da agremiação, que está constituída por Hermano Paiva (Presidente), Pretextato Silva, Vulpiano Cavalcante, Gileno Guanabara, Sérgio Dieb, Wober Júnior, Lídia Dantas, José William, Cláudio Oliveira, Evandro Borges e Danilo Bessa. □

LUCIANO HERBERT

Ser comunista, uma opção marcada pelo preconceito

Qualquer pessoa, no Rio Grande do Norte, pode ser petista, peemedebista, pedessista e contar com alguns milhares de votos. Qualquer um, também, pode ter partido nenhum sem que isso traga qualquer problema mais grave. Mas se uma pessoa resolve ser comunista e assumir isso publicamente, a história é outra. Ser comunista significa vestir um estigma que tem anos de existência, e lutar contra uma reação arraigada por parte de um eleitorado que parece praticamente impenetrável.

Muitos natalenses foram pegos de surpresa quando a televisão, sem nenhum aviso prévio, colocou dentro das casas de cada um uma entrevista que seria impossível há alguns anos: um comunista se declarando como tal e, sem medo ou vergonha da sua condição, falou de suas pretensões políticas. Após a mudez do espanto, as reações começaram a aparecer. E hoje, diante de um Partido Comunista legalizado, com possíveis candidatos a cargos executivos e parlamentares, os natalenses ainda permanecem numa atitude que só revela rejeição ou incredulidade.

CONHECIMENTO NENHUM — Para se ter uma idéia do que o natalense pensa sobre os partidos comunistas e seus militantes, não é preciso muito esforço. Uma simples enquête pode dar o retrato da situação. João Maria da Silva, por exemplo, é desenhista e tem 17 anos. Para ele, comunismo “é um negócio que vem da Alemanha, é estrangeiro, e por isso eu não apoio”. E um

cidadão com idade de votar, como é o caso de Deodorico Vargas, gráfico, 47 anos, não diverge muito dessa opinião: “As idéias parecem boas, mas as conseqüências não são vistas dessa forma. E, quanto à legalização dos comunistas, é melhor lutar contra idéias abertamente do que com elas escondidas”.

Se a discussão for no plano das idéias, aí é que a situação fica realmente obscura. Para grande parte do eleitorado natalense, comunismo é algo meio confuso. O balconista Adão Pedro, de 21 anos, pensa que comunismo “é querer tudo só para si”. Ou, como pondera a estudante Josineide Bezerra, de 20 anos, “é não acreditar em Governo, em presidente. Mas nada como um dia atrás do outro”.

Algumas pessoas, embora não demonstrem mais conhecimento sobre o assunto que a maioria da população, têm um posicionamento diferente. Não é raro encontrar quem não queira se envolver com comunismo para não sofrer nenhum tipo de perseguição política. Mas o folclore ainda permanece, como demonstra o vigilante Sebastião Pinto, 66 anos, que diz ter ouvido falar “que comunista come criança”. Ele não acredita muito nisso, mas argumenta que “tudo pode acontecer”. O fato é que o preconceito, com certeza, será um fator muito prejudicial nesses primeiros tempos de consolidação de partidos comunistas legalizados. Como vencer essa barreira intangível, isso é uma coisa que só o tempo e a maturidade política do eleitorado poderão dizer. □

SUPER FEIRÃO DE PISOS E AZULEJOS

JOCA, QUE HÁ MUITO TEMPO PRECISAVA REFORMAR SUA CASA, CONTOU A SACI E...

QUE LEGAL, VAMOS JÁ P/O FEIRÃO DA SACI! TUDO PELOS MELHORES PREÇOS... E QUE ATENDIMENTO!

NÃO SEI NÃO ESSE NEGÓCIO DE FEIRÃO TEM MUITA LOJA POR AQUI. EU VOU E PRO ARMAZÉM LÁ DA ESQUINA.



DEPOIS DE ESPERAR UM TEMPÃO P/SER ATENDIDO... UM TEMPÃO P/EXPLICAR...

MOÇO, JÁ EXPLIQUEI CEM VEZES, PRA COZINHA, CERÂMICA VITRIFICADA, NO CHÃO, E AZULEJOS NA PAREDE.



NÃO MOÇO, O MELHOR É MADEIRA NO CHÃO, E O SR. TEM SORTE, ESTÁ EM PROMOÇÃO NA LOJA.

MUITAS HORAS DEPOIS, JÁ NA 20ª LOJA...

CLARO DOUTOR, NA NOSSA LOJA O CLIENTE MANDA, E O ORÇAMENTO É GRATIS, VEJAMOS: ÁREA DA COZINHA 3 x 4 = 12? OU 4 x 3 = 15?



JOCA ESTAVA MALUCO DE RAIVA... NOS LUGARES EM QUE FOI ENCONTRADO: MAU ATENDIMENTO, PREÇOS ALTOS, INCOMPETÊNCIA, BAGUNÇA, MATERIAIS DE BAIXA QUALIDADE...

ATÉ QDO, VOCÊ VAI SER CABEÇA DURA? O FEIRÃO DA 50% DE ABATIMENTO NO PREÇO DE PISOS E AZULEJOS. O ATENDIMENTO NA SACI É ESPECIALIZADO E O MATERIAL, DE ALTO NÍVEL E...



ENFIM, O FINAL FELIZ CHEGOU NESTA HISTÓRIA...

PUXA, POR QUE EU NÃO VIM ANTES NA SACI? É TUDO ORGANIZADO MESMO, E O LEGAL É QUE TEM OUTRAS PROMOÇÕES ALÉM DO FEIRÃO. VOU JÁ COMPRAR TUDINHO AQUI!



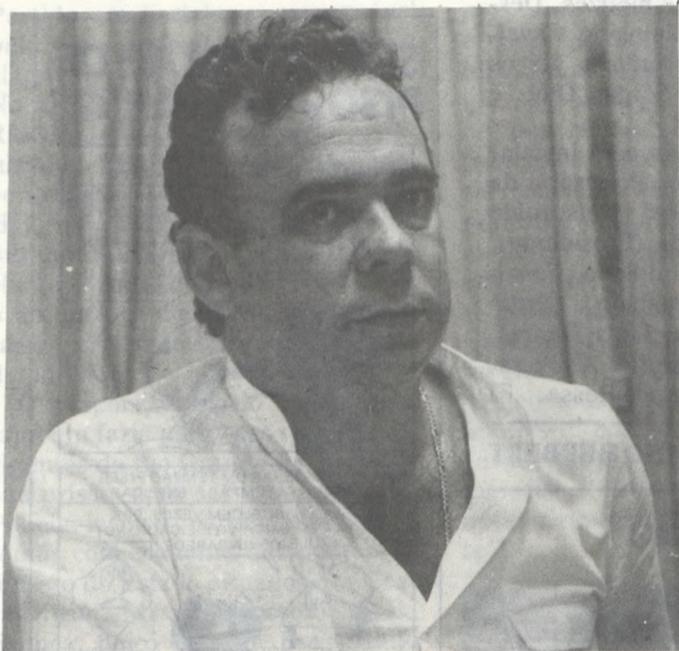
COLOQUE NA SUA CONSTRUÇÃO OU REFORMA UM FINAL FELIZ. COMPRE NA SACI!

SACI ONDE NATAL COMPRA!

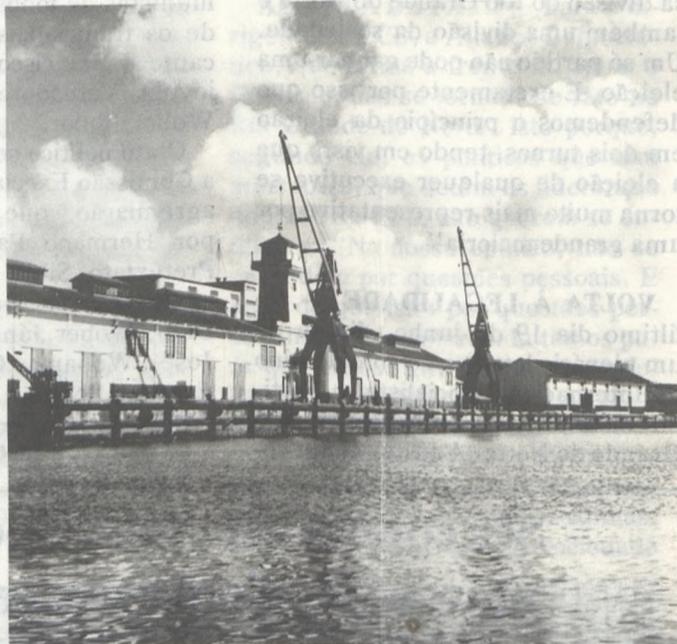
R. GURGEL LTDA

Saci
MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Rua Pte. Bandeira, 828 - Tels. - 223-3626/3627/3628
Av. Rio Branco, 204 - Ribeira
NATAL-RN



Thiago Simas: superando



Porto, um eterno problema

INDÚSTRIA

O amargo sabor de doces e caramelos durante a crise

A recessão vivenciada pelo Nordeste e, especialmente, pelo Rio Grande do Norte nos últimos cinco anos, afetou áreas da economia estadual que, aparentemente, haviam sido poupadas de maiores dificuldades financeiras. É o caso da indústria de doces e caramelos, representada, no Estado, por Simas Industrial S/A, uma das quatro do gênero na região. A partir de 1981, a Simas entrou num carrossel de problemas que culminaram na diminuição da produção e conseqüente redução do número de empregados, e somente agora a empresa está conseguindo superar a crise.

A Simas é a principal produtora do gênero no Nordeste, responsável por 50 por cento da produção da região, além de exportar seus produtos para os Estados Unidos, Canadá, Japão e alguns países do Conti-

nente Europeu. A prolongada seca de cinco anos, a inexistência de um Porto para escoamento da produção e as distorções no sistema tributário são as principais razões de uma queda de quase 5 toneladas/ano na produção da empresa.

FATORES RESPONSÁVEIS — O Diretor Superintendente da Simas, Thiago Gadelha Simas, é quem aponta, entre os fatores responsáveis por essa situação, o longo período de estiagem compreendido entre 79 até o ano passado. Como reflexo, houve carência de frutos regionais para o fabrico de doces na empresa, e essa redução de matéria-prima acabou acarretando a interrupção do crescimento de 20 por cento ao ano que a Simas vinha registrando em sua produção.

Além disso, afirma Thiago, “a

perda do poder aquisitivo do consumidor da região, que já era baixo, tornou-se ainda menor nesse período, levando-o a diminuir gradativamente a procura pelos produtos oferecidos pela Simas”. Arremata que o custo financeiro, responsável pela inviabilidade do financiamento das vendas através de descontos de duplicatas, também contribuiu para as dificuldades da empresa. Ao mesmo tempo, confessa ter sido necessário, na época de maior impacto, a empresa mudar seu sistema de distribuição no mercado consumidor, utilizando frota e sistema de cobrança próprios.

TIPO EXPORTAÇÃO — Apesar de ter passado por momentos críticos, a Simas — que depois de uma luta travada desde 1977, havia conquistado o mercado exterior — continuou oferecendo e exportando seus bombons para outros países. No mercado norte-americano, por exemplo, o consumidor se caracteriza por ser mais exigente, mas é para ele que a empresa encaminha a maior fatia da produção, sem contar com a efetivação de uma linha específica de produtos de me-

Turista, meu amor.



O turismo já é o 3.º maior faturamento do mundo. Trate o turista com todo carinho e amor. Você e o Rio Grande do Norte só têm a ganhar.

MOTEL TAHITI
O paraíso é aqui

lhor qualidade, feita exclusivamente para aquele mercado. E, segundo Thiago Gadelha, o produto da Simas está agradando os consumidores dos Estados Unidos.

O diretor da Simas fez questão de frisar que 1981 também foi o marco da redução do escoamento da produção para o exterior. Em meio às adversidades do momento, ainda houve uma queda no preço do açúcar a nível internacional, o que favoreceu os fabricantes do ramo nos Estados Unidos e na Europa. A Simas, nesse período com capacidade para exportação de cerca de 2.500 toneladas ao ano, viu essa cifra reduzida drasticamente ao índice de apenas 400 toneladas.

Foi preciso a partir daí, continua o diretor, encontrar novas fórmulas capazes de reconquistar o mercado que a empresa acabara de perder. O que parece não ter sido tão difícil: "A empresa partiu para o desenvolvimento de novas linhas de produtos e para o aprimoramento dos já existentes. Isto já nos leva a ter uma visão mais otimista para o futuro, que possivelmente será testemunha de que as exportações da empresa tenderão a se aproximar das mil toneladas neste ano, ou seja, conse-

guindo recapturar dois terços do mercado anteriormente conquistado".

VILÕES DA CRISE — Tecendo comentários sobre as dificuldades da empresa, Thiago Simas depara-se com alguns «vilões» que tiveram influência na direção assumida pela crise da indústria de doces e das de ramos diferentes fixadas no Nordeste. Começando pelo escoamento da produção, ele aponta a falta de navios no Porto de Natal como um entrave às atividades da empresa, argumentando que a Simas é forçada a embarcar quase toda produção por Portos de diferentes Estados, como o de Fortaleza, de Recife e o de Cabedelo, na Paraíba. Isto traz conseqüências negativas, uma vez que o produto terá preços encarecidos por tais serviços.

Thiago Gadelha não pára por aí: "Os exportadores nordestinos — e nós estamos entre esses — vêm sendo injustiçados pela Conferência Inter-americana de Frete, que estabelece tarifa única de exportação com destino aos Estados Unidos a todos os Portos do País". Para ele, isso é "um absurdo porque a localização do Porto de Santos, por onde

escoa a maior parcela da produção, é bem diferente da localização dos Portos do Nordeste". As empresas privadas desta região pagam um mesmo preço por um percurso menor com relação às empresas do Sul e Sudeste, pondera.

A retirada dos incentivos e do apoio tão propalados para o desenvolvimento do Nordeste também são denunciados pelo empresário. E ele não esquece de citar exemplos essenciais para evidenciar o problema: as indústrias implantadas em São Paulo recebem, pela matéria-prima comprada no Estado, 17% de crédito de ICM e, ao vender o produto para o Nordeste, pagam 9% pela comercialização; a empresa fixada no Nordeste, para vender o que produz na região, paga 12% — 3% a mais do que as do Sul — e, ao receber a matéria-prima de São Paulo ou de outro Estado do Sudeste, é obrigada a receber 9% de crédito sobre essa compra. É sobretudo essa situação que leva Thiago Simas a confirmar que a política adotada na área econômica pelo Governo só estimula a implantação cada vez maior de empresas no Sul do País.

FIQUE

COM

UM BEM

DA TERRA.

Ser cliente do Bandern é vestir a camisa do RN. É valorizar o RN. É colaborar para que os bens da terra fiquem aqui mesmo.

Para que isso aconteça, fique com o Bandern. Nada mais justo.



NOVA REPÚBLICA — Agarrar-se à esperança de que o momento político trará soluções às dificuldades vivenciadas pelas indústrias de caramelos e doces não é a opção única do setor.

A esse respeito, Thiago advoga que a Nova República só se afinará com as mudanças prometidas se começar, na prática, a agilizar o equacionamento de distorções como as já citadas por ele. Adverte, porém, que Antes do Nordeste pedir

tratamento diferenciado, deve pedir tratamento justo sem esquecer de reivindicar a reforma tributária e de garantir que somente os "industriais acreditam no Brasil". Se não fosse essa crença por parte dos industriais, as empresas — principalmente as nordestinas — estavam todas fechadas, e é isto que a Nova República precisa corrigir, senão a situação de crise que recai sobre a iniciativa privada perdurará, previne. □

COMÉRCIO

A novidade agora é vender artigos de segunda-mão

Num momento em que a crise econômica cerceia o aumento dos lucros, levando inclusive certos ramos da economia ao declínio, o certo é não descartar a imaginação criativa e optar por uma nova visão de **marketing**. E dentro dessa perspectiva, começa a ganhar espaço como seguimento comercial em Natal a criação de lojas onde o velho é sempre a novidade em exposição. Foi por este caminho que a idéia da montagem de lojas de objetos usados — que até bem pouco tempo o natalense só conhecia por informações boca-a-boca trazidas do Sul Maravilha, onde existem verdadeiras cadeias no ramo — deu aqui seus primeiros passos.

O certo é que, por aqui, a novidade do usado tem pouca idade, tendo sido instalada a primeira loja há três

anos, quando Lindimar Nóbrega resolveu arquitetar e moldar a «Trekus», que até hoje funciona na Floriano Peixoto, onde pode ser encontrada uma gama variada de peças de vestuário. Do biquíni que sobrou em qualquer boutique da cidade ao vestido de noiva que antes ficava enalhado como relíquia de núpcias, e até o sapato e o lencinho de pescoço. Sem contar que quando alguém está interessado em se desfazer de uma peça que mobília a casa, a «Trekus» também se habilita a revendê-la. Tal procedimento é válido também dos demais comerciantes do setor, com uma ressalva comum a todos: o artigo tem que estar em boa forma.

ESTRATÉGIA — Não é apenas a estética do artigo que leva vanta-

gem neste tipo de comércio. Segundo os proprietários de lojas especializadas na venda de semi-novos — sinonímia por eles preferida — a isca indispensável e consolidadora de vendas são os preços acessíveis, o que acaba se revelando uma excelente estratégia para fazer frente aos concorrentes do comércio local.

A aquisição do objeto é feita em elevada percentagem junto às classes média e baixa, principalmente no que toca a artigos de vestuário. Com a «Trekus», a experiência ficou meio embotada de início, até que novas lojas do gênero foram sendo abertas na cidade. No **Shopping Center** «Cidade Jardim», a boutique «Ocasão» desponta com a mesma roupagem sendo seguida pela «Disque Usados», na Juvino Barreto. Esta última optando por uma variedade de artigos de diferente natureza, que ficam sobre as prateleiras improvisadas, em exposição, de domingo a domingo.

Obedecendo **slogan** próprio — «Artigo de primeira mão da agulha ao avião em bom estado de conservação» — a «Disque Usados» vende mesa de sinuca, aquário, filmadora, maca para hospital, barraca de **camping**, mini-computadores, instrumentos musicais e até armas e extintores, sem contar com uma infinidade de outros artigos espalhados pelas duas salas onde se efetiva a comercialização direta ou por telefone, se o cliente assim desejar, conforme assevera seu proprietário, Rubem Guedes Rocha.

Alguns destes objetos são comercializados através de cadastramento, feito entre o proprietário e a loja mediante contrato de exclusividade.



A inflação obriga...

... o preconceito a ceder

Para comprar qualquer artigo, a «Disque Usados» toma por base o seu preço no comércio e o seu estado de conservação, o que para Rubem significa avaliar dentro da realidade de mercado.

Nem toda comercialização do ramo é feita dessa forma. As boutiques por exemplo, prezam pela conservação. Por este método, estipula-se um prazo de dois meses de carência e a cobrança de 30 por cento do valor de cada objeto vendido. Mas, se ao fim do prazo não ocorrer a venda, seu proprietário, se não desejar refazer o contrato por igual período, não terá nenhum ônus ao retomá-lo.

No caso do cadastramento feito pela «Disque Usados», tanto os que compram como os que vendem deixam especificada a natureza do objeto em jogo. Este procedimento, segundo Rubem Guedes, “dá sempre certo, já que defende a tese de que no comércio, tudo é uma questão de oportunidade”.

ACEITAÇÃO — Parece ter chegado em boa hora este novo tipo de comércio. Por um lado, os empresários do ramo dão o «pulo do gato» em busca de um lucro mais fácil, sem pagar ICM — já que nada do que vendem é comprado ao produtor — e por outro lado, o cliente recebe como dádiva um lugar a mais no guarda-roupa, a mudança de visual sem gastar muito, ou ainda a venda de pertences quando o momento exige isso por motivo de viagem.

Quem especifica o processo é a proprietária da «Ocasão», Vera Lúcia, que fala também sobre o comportamento da clientela diante desta nova tendência. Para ela, o natalense está deixando o preconceito de lado e parece aceitar com facilidade a “nova moda do velho”. Vera Lúcia exemplifica que a procura vem crescendo vertiginosamente, o que levou o dono da «Disque Usados» a tirar uma lição: “Alguém está sempre querendo comprar e vender; por isso, é só procurar um meio capaz de promover as vendas”. Fato resolvido: ele faz, semanalmente, a propaganda dos principais produtos oferecidos pela loja no jornal «O Poti».

Segundo Rubem Rocha, ele procede assim por ser conhecedor de que esse novo seguimento de mercado há bem pouco tempo ainda era virgem, o que colocava sua loja em

posição embrionária. A propaganda está conseguindo obter o aumento proporcional entre oferta de objetos e a procura destes por clientes.

PRECONCEITO — Em época de vacas magras, o preconceito cede lugar a aceitação. O medo de comprar um vestido, uma blusa, ou qualquer outra peça exposta nas prateleiras improvisadas numa dessas «casas de usados» — diante da possibilidade do objeto ter pertencido a alguém que morreu, ou então, a pessoas portadoras de doenças — não consegue mais tanto espaço dentro dessa nova realidade.

Vera Lúcia percebe isso na «Ocasão», embora admita que a classe média-baixa ainda reluta antes de entrar na loja. “Mas é entrar uma vez e não deixar mais de comprar usados”, assevera. Essa «falta de preconceito» até surpreendeu Vera Lúcia. Disse que, ao chegar de Recife onde gerenciava uma loja do mes-

mo estilo, pensou encontrar mais obstáculo nesse sentido. Mas uma de suas clientes em visita a loja comprovou que, por mero preconceito, não se deixa de economizar «uns trocados» quando a inflação abocanha os salários. A cliente comprou por 15 mil cruzeiros uma roupa (saia e blusa) que, segundo ela, estava bem transada para ser usada na Festa do São João com o noivo. E acrescentou que não conseguiria comprar peças equivalente noutra boutique por menos de 150 mil cruzeiros.

Outra prova de que, neste caso, o preconceito está no caminho da extinção é dada pelo depoimento do proprietário da «Disque Usados», que já vendeu equipamento usado até para consultório de médico. Rubem Guedes vai mais longe e prevê que, num futuro próximo, a compra de objetos usados em Natal vai ser tão normal quanto tomar um **chopp** em um bar. □

CATEGORIA

Campanha dos bancários é pelo reajuste trimestral

Trimestralidade. Esta será a prioridade número um dos bancários do Rio Grande do Norte e de todo o País quando da campanha salarial de '85 a ser deflagrada no próximo mês. Essa questão surge hoje no meio bancário como um ponto de honra para a categoria que acredita na luta, até porque entendem que a defasagem de salário tende a criar no trabalhador uma grande expectativa, antecipando, assim, um sucesso em termos de mobilização.

Além da trimestralidade, os bancários têm outras prioridades: incorporação do abono de 25 por cento concedido em julho e agosto ao salário a partir de setembro, como também a inclusão desse índice no cálculo do reajuste. Essa luta será dos 600 mil bancários do País, pois contará também com a participação dos funcionários do Banco do Brasil que aceitaram a contraproposta do Governo de 25 por cento e não 34,5 como desejavam.

DEFASAGEM SALARIAL — Segundo Marcondes Silva, Secretário do Sindicato dos Bancários do Rio Grande do Norte, se por um lado a

categoria não vai bem em termos salariais, em termos políticos não poderia ir melhor: “Tem havido um avanço na mobilização da nossa categoria e as duas paralisações feitas pelos funcionários do Banco do Brasil foram fundamentais nesse processo, inclusive de romper com a legislação autoritária que proibia bancário de fazer greve”.

Em termos salariais, no entanto, Marcondes Silva reconhece que a categoria não vai bem. Ele chega a destacar uma distorção que sempre ocorre junto à população, segundo a qual o funcionário do Banco do Brasil ganha bem: “Ele não ganha bom salário, ganha salário que dá para sobreviver. Se tomarmos o exemplo dos carteiros, vamos chegar à conclusão que o salário inicial deles é superior ao do funcionário do Banco do Brasil”.

Marcondes acrescenta que não defende a redução do salário do carteiro, mas pretendendo mostrar que “categorias menos especializadas estão no mesmo patamar salarial: “O funcionário do Banco do Brasil corre o risco real, pois lida com dinheiro, com valores que não lhe per-

tencem, além da especialização que têm”.

LUTA VITORIOSA — E são esses funcionários do Banco do Brasil que estão indo à luta. Depois de paralisarem por um dia as suas atividades em dezembro do ano passado, quando conquistaram o índice de 100 por cento do INPC para os reajustes salariais, os funcionários do BB acabam de conseguir mais uma vitória: 25 por cento de abono a ser concedido nos meses de julho e agosto, sem a necessidade de reposição.

Esta, no entanto, não era a proposta dos funcionários. Eles queriam um adiantamento salarial nos meses de junho, julho e agosto, na base de 34,5 por cento, que é a variação da correção monetária nos três meses anteriores. O Presidente do Banco, Camilo Calazans, após reunião de diretoria, considerou justa a reivindicação e declarou que a instituição tinha condições de atender os funcionários. Entretanto, as pretensões do Presidente foram barradas pelo Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, a quem o projeto tinha que ser submetido.

Diante da intransigência do Mi-

nistro, os funcionários do Banco do Brasil em todo o País resolveram eleger a sexta-feira, dia 21 de junho, como um dia nacional de luta, dando um prazo de oito dias ao Ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, para negociar uma nova proposta com o Governo. Aqui em Natal, este dia foi marcado por um ato público realizado em frente à Agência Centro. Já na segunda-feira seguinte, o Ministro comunicava oficialmente a intenção do Governo em conceder 25 por cento sem reposição, o mesmo que havia concedido para os bancários de instituições privadas.

O Secretário do Sindicato, Marcondes Silva, considerou este fato muito positivo para a categoria: “Se não conseguimos os 34,5 por cento que seria a caracterização da trimestralidade, não quer dizer que a luta fracassou; pelo contrário, conseguimos 25 por cento, que é um índice próximo. O fato de ter sido dado em julho e não em junho de maneira alguma perde o sentido do reajuste trimestral. Foi uma grande vitória porque em primeiro lugar unificamos toda a categoria. Em segundo lugar, rompemos um veto do Governo”, concluiu. □

numa mesa recheada de boêmios na antiga Confeitaria Delícia do português Olívio Domingues.

Depois de sorver mais um gole de conhaque e contemplar o belo mural de Newton Navarro, também presente à mesa, degustando uma **Brahmas Porter**, uma cerveja pretá e forte, o Dr. Alberto Maranhão completa: “Devíamos ensinar as crianças a amar o Potengi, tal como o amavam os velhos nadadores, os marinheiros, os remadores tenazes da iole Rio Grande do Norte”.

Albimar Marinho, também presente àquela mesa ilustre deixa escapar: “É bonito aquela gente toda acenando como se estivesse partindo para a Europa”, disse referindo-se ao bote das 5 da tarde que saía em direção a Redinha e em que ele sempre gostava de estar presente.

OS BOTES E LANCHAS — Tinham razão já àquela época os frequentadores da saudosa Confeitaria Delícia. Se vivo fosse, o Dr. Alberto Maranhão, como bom observador, já teria percebido que o Potengi amado nada mais tem de transparente e o que é pior, impediram as gerações mais recentes, “as crianças” referidas pelo Dr. Alberto Maranhão, de curtir as águas claras ou não, azuis ou verdes do rio Potengi.

O vento que sopra sobre as dunas de Petrópolis e se esparrama sobre a Ribeira, espreguiçando-se sobre as águas do rio, levou em redemoinho a sensibilidade dos nossos dirigentes, que sepultaram as lanchas, enrolaram os mastros dos botes e permitiram que o trapiche da Redinha se curvasse diante de tamanha incompetência.

Vicente Serejo, atento observador da Cena Urbana, percebeu que, nas

LAZER

Já é tempo de recuperar a magia de cruzar o Potengi

“O rio, o sabemos, guarda nas suas águas, no seu azul, no seu verde, no seu vento, na sua transparência, o coração de Natal”. O rio é o Potengi e quem faz a observação é o

Dr. Alberto Maranhão, que emprestou o seu nome ao teatro da Ribeira. E esta frase chega até os nossos dias graças a Lenine Pinto que anotou o desabafo do ilustre natalense



A solidão do Potengi...



... sem as lanchas e barcos

águas do Potengi já não singram mais barcos que eram verdadeiros poemas: Estrela do Mar, Gaivota, Vento Norte, Gamboa do Silêncio. Onde andam os botes e lanchas que faziam a travessia da Redinha?

PEIXE E TAPIOCA — A travessia orgulhava os natalenses e enchia de satisfação os turistas que, meio desajeitados, subiam nos barcos e lanchas para conhecer, do outro lado do rio, o Mercado da Redinha. Peixe frito na hora, tapioca molhada no coco, a cerveja gelada, a caninha amiga. Dia de domingo, o Cais Tavares de Lira ficava colorido de gente. Os barcos saíam silenciosos. Com um balde de plástico, o mestre molhava a vela rota, enquanto os passageiros iam observando os navios ancorados no Porto, o Iate Clube, a Rampa até cruzar a boca da barra e chegar ao Trapiche.

Em cada face, sorrisos de marésia. Em cada rosto, transbordo de satisfação. Muito se tem falado sobre a arrancada do turismo do Rio Grande do Norte e, em particular, o turismo natalense. O Governo propala a estrutura que está sendo montada na Via Costeira, enquanto o rio continua esquecido.

Diante dessa acomodação dos órgãos oficiais do turismo, um grupo

particular está pensando em reativar a travessia de barco para a Redinha. Já é alguma coisa. O turista fará a travessia de barco, conhecerá as delícias da Redinha e, em bugies, seguirá pela orla até as dunas de Genipabu.

Edvaldo Alencar, da Nataltur, faz parte dessa geração que não pode curtir o passeio pelo Potengi e vai reativá-lo. Através de pesquisas ou em contato direto com o natalense e o turista, ele percebeu que esta é uma reivindicação que precisa ser posta em prática. Ainda não há data prevista para o lançamento, porém, ele já informa que o sistema funcionará inicialmente com duas embarcações que transportarão cerca de 50 passageiros.

E quando isto acontecer, certamente todos aqueles que fizeram a travessia do Potengi e aqueles tiveram esse prazer chegarão cedo ao Cais e repetirão, para o mestre do barco, a frase que Vicente Serejo pronunciou para o comandante do navio cinzento onde ele queria fazer a sua travessia de sonhos e trazer de volta "os bolsos cheios de felicidade para derramar nas pedras do Cais": "Mestre, vim embarcar as minhas emoções". □

L. H.

SAÚDE

Ambulâncias e circos são as novidades para Natal

Neste segundo semestre, Natal vai ganhar dois tipos de serviço de saúde de que não dispunha e que faziam falta à população da periferia da cidade: uma Central de Ambulâncias e um «Circo da Saúde». A primeira, como a própria denominação indica, é um posto com ambulâncias para transportar pacientes dos mais diversos pontos de Natal, com uma delas equipada para atender doentes graves; a segunda, mais insólita, é a utilização de um circo de lona, ambulante como todo o circo, para atendimento odontológico de crianças de 6 a 14 anos.

A informação foi dada pelo próprio Secretário de Saúde do Estado, Leônidas Ferreira, que adiantou que a previsão para o início do funcionamento dos dois serviços é se-

tembro, para o Circo da Saúde, e outubro para a Central de Ambulâncias. O Secretário declarou, ainda, que a Unicef poderá financiar a aquisição de arquibancadas para que o Circo da Saúde, além de atender às crianças, possa exibir peças teatrais com o objetivo de difundir noções de higiene e saúde.

NOVIDADE NO NORDESTE — "Que eu saiba, não existe nenhuma ambulância deste tipo em todo o Nordeste". A afirmação de Leônidas Ferreira tem base no tipo de ambulância especial que a Central de Ambulâncias terá, equipada com aparelhos de eletrocardiograma, oxigênio e ressuscitador. No total, serão oito ambulâncias que ficarão no Hospital Evandro Chagas, sede

da Central.

As ambulâncias farão transporte de pacientes dos Centros de Saúde para maternidades e pronto-socorros localizados em cada distrito de saúde nos bairros, e para os Hospitais Walfredo Gurgel e Santa Catarina (que está sendo construído no bairro do mesmo nome) quando o problema for mais grave.

SOCORRO AOS DENTES — Segundo estatísticas da Secretaria de Saúde, as crianças compreendidas na faixa etária de 6 a 14 anos têm um índice de perda de dentes que chega a 1/3, ou seja, dos 32 dentes que constituem a arcada dentária, cerca de 10 se perdem nessa fase. Apesar da Secretaria dispor de gabinetes odontológicos nas escolas para atender à clientela infantil, o grande número de crianças que permanece fora dessas escolas justifica um atendimento alternativo.

Diante deste fato, a Secretaria está treinando 32 atendentes e já tem 9 dentistas contratados para trabalhar no Circo da Saúde. Dentro de uma cobertura de lona, esses profissionais atenderão às crianças em 8 gabinetes com tablado encerado e divisórias de madeira. O Circo terá, ainda, 1 sala para palestras e outra para esterilização.

O primeiro bairro a receber o Circo da Saúde será Felipe Camarão, que tem uma clientela de cerca de 3.500 crianças de 5 a 14 anos. O atendimento só abrangerá a restauração de dentes, e cada criança fará o seu tratamento numa única vez. Caso seja necessário prolongar o tratamento além do tempo de permanência do Circo em cada bairro, as crianças poderão ser atendidas até em casa.

Leônidas Ferreira informou que essas iniciativas visam a complementação do Programa Periurbano, que dividiu Natal em 7 distritos, cada um possuindo de 4 a 5 Centros de Saúde, além de um pronto-socorro e uma mini-maternidade. Natal já tem 35 Centros de Saúde capacitados para atender uma média de 40 a 70 mil pessoas. "Dessa forma, acreditamos que cerca de 95 por cento dos problemas de saúde dos habitantes de Natal poderão ser solucionados sem a necessidade de sair-se do próprio bairro", colocou o Secretário, acrescentando que a população à margem esquerda do Rio Potengi é de 120 mil pessoas, e irá para o Hospital Santa Catarina □

Forças novas estão se levantando pelos ares. Alguém não se amesquinha, não se arreda do seu direito de ser livre. Já há cativos demais no mundo, dizia Rimbaud, anjo precipitado num vórtice de intensidade. Vidente.

Alguma coisa acontecerá ou já está acontecendo. Talvez seja um raio que caiu, uma estranha pedra que congregará em torno de si outras novas cabeças. Como Osair que parte para infiltrar com o seu talento o Rio Grande do Norte no noticiário global. Muito em breve os brasileiros verão diariamente os acontecidos do nosso Estado. Dodora Guedes, em Brasília, exercerá o seu poder de crítica num raio maior de idéias. Adriano de Souza no Jornal do Brasil? Ótimo para as letras e as artes. Luciano Herbert **free lancer**, melhor desempenho da notícia. Muitas mudanças pra começo de conversa.

A PERFORMANCE — A reinauguração do Vice-Versa, na Padre Bartolomeu, foi certamente um dos mais divertidos acontecimentos culturais do ano, melhor do que qualquer prêmio literário e sorvetes. Sim, leitores; bar também é Cultura. Veja-se o exemplo do Mintchura e do Equilibrista, bar sempre louvado nas conversas do Padre Zé Luís.

Rapazes performáticos. Moças perfomáticas. Cada um na sua: new wave, punk, Sylvester Stallone, Marisas Bensons, paqueras, casual chic. Uma noite blanché.

Deliciosos buchichos sobre as artes, camarinhas e bastidores de um mundo subterrâneo, de plutônica voracidade. Namoros e conversas. Sabiam que a exposição de Carlos José Soares foi um sucesso e provocou até a demissão de um crítico das funções que exercia desde o dia 2 de janeiro de 1980? Puxa, como você é bem informada. Lula não foi apro-

blanché. Concordam? De cronista social somente Oliveira, que esboçou um cumprimento. Creio que terei sido um pouco grosseiro, mas peço-lhe desculpas. Não me apraz ofendê-lo.

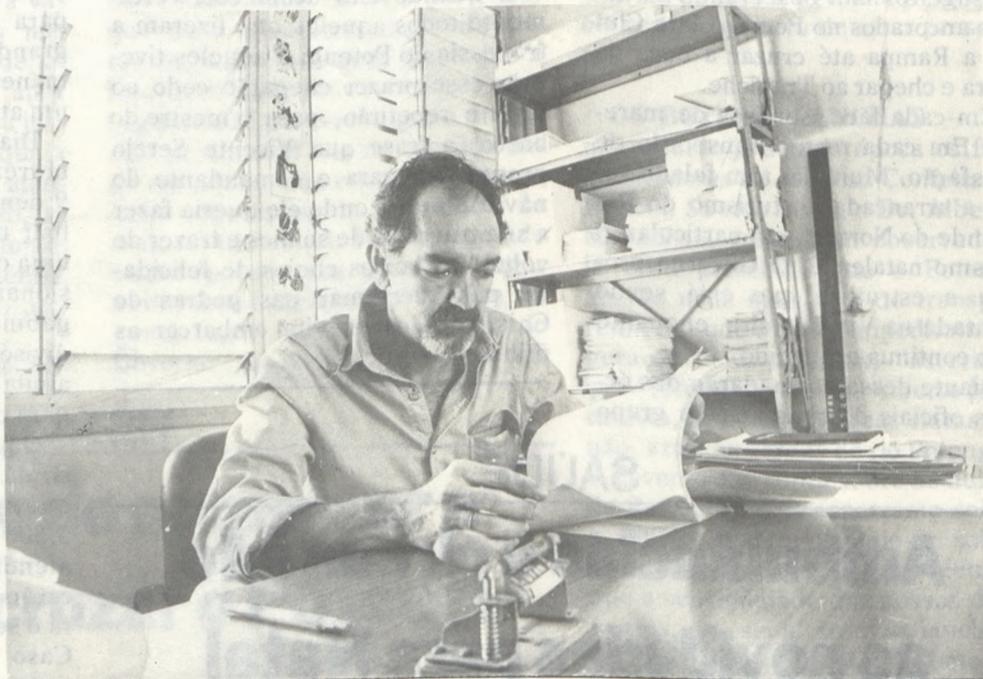
Bons dias.

RESSUSCITARAM O FOLHETIM — Que bela idéia do Dois Pontos: a publicação semanal do folhetim de autoria de

Não abusa do direito de nomear pelo nome próprio as personagens.

Rebuschetê em Macucaguá revive uma antiga tradição do tempo heróico do jornalismo. Leitura fácil e divertida e, no caso deste Tarcísio, crítica de costumes brejeira, perfurante, sintética. Palmas à latiníssima vivacidade verbal.

A SOCIOSE — Nin-



Tarcísio Gurgel

vado como barman; mistura os copos. Troquei convites para seis jantares. Encontrei Arisnete, Iberê, Eduardo Pinto, Solange irradiando alegria e francês («oui», «trè bien»), Marize Castro, Risolete Fernandes sempre lutando por uma boa causa. Bergson. João Maria Marcelino. Estrela. João da Rua. Ricardo.

As reformas do Vice-Versa foram mínimas, mas se criou ali um bom clima em volta do balcão. Bebo somente creme de menta, muito

Tarcísio Gurgel, um dos nossos raros escritores. Edna Duarte o achava assim, assim. Engano dela. Tarcísio Gurgel é escritor congênito. Não foi feito por empréstimo.

O título do folhetim de Tarcísio é muito provocante. Tarcísio começou a escrevê-lo quando trabalhamos juntos na Tribuna. Papeávamos literatura. Tarcísio iria longe. Sua verve é inesgotável, e não se enganem: ele está compondo, dissimuladamente diante dos nossos olhos, um grande romance à clef.

guém pense que Diniz Grilo dorme no ponto. Ele está compondo (compondo é o termo) os quadros da série que recebeu o nome de «A Sociose». Mas o que vem a ser isto? Ora, uma crítica de costumes na pintura. Nós, fim de século, adoramos crítica de costumes. Balzac, Stendhal, Proust, João Câmara, Antônio Berni, grande pintor argentino: sucesso garantido em qualquer época.

Sociose é a designação completa e abrangente das doenças do tecido

social. Próprios quase da sociologia e da psicologia aplicada.

Serão grandes painéis ao todo. Pintura narrativa que, pelas suas dimensões, cria o necessário distanciamento crítico ensinado pelo método brechtiano de representar a realidade no palco. O teatro da pintura de Diniz Grilo é a sociedade com os seus achaques e burlescos.

A ESTRÉIA — Esta notícia deveria ter sido acima nas conversas. Refiro-me a mostras dos desenhos iluminados de cores e transparências, de Carlos José Soares. Foi assim sua estréia no mundo do comércio da arte. Foi uma estréia



Carlos José Soares

promissora e acima do nível da média da cidade. Mas Carlos José Soares peca, não muito porém, por excesso de cuidados. Ele não deve-

ria ter juntado os seus estudos aos desenhos acabados: criou-se assim a confusão visual.

Seus melhores quadros têm em comum o

despojamento, a delicadeza das texturas e das superposições de cores, a limpeza da fatura, tudo isso se deverá debitar ao talento de Carlos José Soares.

A GLÓRIA QUE ELEVA — A Nossa Editora obteve honrosa classificação para o nosso Estado, colocando-se em lista publicada no jornal «Leia» (ex-Leia Livros), entre as cinquenta maiores editoras privadas do País.

A Clima ficou em segundo lugar, ou seja, algumas quadras adiante da outra. São na verdade duas boas editoras com pensamentos diferentes.

FRANKLIN JORGE

NOVO ENDEREÇO

O Serviço de Atendimento ao Assinante de RN/ECONÔMICO existe para atendê-lo. Utilize-o para comunicar mudanças de endereço, eventuais atrasos na entrega, renovação de assinatura, etc. Entre em contato com RN/ECONÔMICO pelos telefones 222-4722 ou 222-8517. Envie correspondência para Rua São Tomé, 421,

Centro. Natal-RN. Serviço de Atendimento ao Assinante.



Endereço Anterior:	CEP:
Bairro:	
Cidade:	
Estado:	
Caro assinante: Se você mudou de endereço, envie-nos este cupom, comunicando o seu novo domicílio, para RN/ECONÔMICO	
Novo Endereço:	
Bairro:	
Cidade:	
Estado:	

Os exemplares chegarão em seu endereço após o dia 30 de cada mês.

CLÁUDIO

PAU NO DORNELES

Cláudio



VOCE NÃO PAGOU A PRESTAÇÃO DA CASA PROPRIA?

NÃO. POIS É PROIBIDO GASTAR!



NOVO ENDEREÇO

ECONOMICO
122
100
MAIORES
EMPRESAS

O Serviço de Atendimento ao Assinante de RN/ECONOMICO existe para atendê-lo. Utilize-o para comunicar mudanças de endereço, eventuais atrasos na entrega, renovação de assinatura, etc. Entre em contato com RN/ECONOMICO pelos telefones 222-4722 ou 222-8577. Envie correspondência para Rua São Tomé, 421.

E' O MEU CINTO NOVO. CHAMA-SE DORNOLLES!



VAI SER PRECISO MUITA REZA PARA TIRAR O ENCOSTO DE DELFIM NO DORNELLES, MIZIFIO!



E' DOR NELES!



Sarney e a política econômica

OTÁVIO AUGUSTO

A briga é boa, democrática, mas pode gerar consequências desagradáveis. A equipe econômica da Nova República ensaia escaramuças que desembocarão, ou num impasse — que obrigue o Presidente Sarney a promover alterações e remanejamentos — ou num ajuste da política econômica. No início do mês passado, pelo sistema de voto de liderança, a Câmara dos Deputados aprovou um projeto do Governo que antecipa em dez dias o pagamento do Imposto de Renda das empresas, possibilitando um aumento de receita em torno de Cr\$ 500 bilhões por mês. E observem que isto não significa dizer que houve aumento da carga tributária. Não, é apenas um ajuste de caixa, ou a «recuperação da receita com os impostos», na linguagem do Ministro Francisco Dornelles. Na outra ponta, o Presidente do Banco Central condena a proposta do professor João Sayad, Ministro do Planejamento, de redução dos juros dos títulos públicos. Como se observa, o doutor Lemgruber, que dirige o órgão do Governo responsável pela normatização do sistema bancário, parece estar defendendo o outro lado — os banqueiros.

Não adianta chorar, respondem os assessores mais próximos ao Presidente, pois o social é a prioridade da Nova República. E completam: como a Presidência da República é exercida por gente do ramo, o político José Sarney convidou vários economistas (fora do Governo) para uma reunião com a equipe da área econômica. Resultado: o pessoal da Casa saiu da reunião com o prestígio abalado. Pode ser. Mas, quando todos esperavam a primeira medida realmente de impacto do Governo da Nova República, no episódio do reajuste das prestações da casa própria (?), aparecem os técnicos (sempre os técnicos) forçando a barra na semestralidade. Mais uma vez respondem os assessores de Sarney: o Governo agiu na defesa do Sistema Financeiro da Habitação (SFH), por pura questão de sobrevivência. Mas os mutuários também querem ver garantida a sua sobrevivência. O Governo promete essa garantia. E lembra que no período de 1965 a 1982 o salário-mínimo aumentou 252 vezes, enquanto as prestações foram multiplicadas 115 vezes. A coisa começou a entortar a partir de 1983, com o arrocho salarial.

Hoje, o Governo promete corrigir tudo isso, e simplesmente ignora um semestre, ao estabelecer um reajuste (semestral) de 112 por cento. E garante: quem entrar nessa, não se arrependerá. Pode ser. Mas a jogada ainda não foi muito bem entendida pelos mutuários. Como a maioria da clientela do BNH está concentrada no meio do ano, o Governo quer pulverizar essa data, retirando o poder de pressão dos mutuários. Os reajustes dos meses do último trimestre foram tão elevados quanto o de julho. No entanto, não se ouviu um só grito. Entenderam a jogada?

MAIS UM FLANCO — De outro lado, o Governo abre mais um flanco, permitindo ao adversário boas estocadas. Trata-se da Reforma Agrária. Esse palavrão está incomodando a vizinhança. Lembrem-se da TFP? Pois ela está de volta, e dentro de mais alguns dias colocará em ação uma estratégia orquestrada ainda nos porões da Velha República, para bombardear o Plano Nacional de Reforma Agrária, por ela considerado «impressionante passo no caminho do socialismo». Como o modelo econômico continua o mesmo, regido pelo monetarismo desestruturado da sociedade, a coisa fica mais fácil. E o que é mais grave, deixando o Governo sem base parlamentar no Congresso. Afinal de contas, nossos representantes foram às praças públicas, pregaram mudanças, prometeram tudo e não estão vendo nada. Já há quem pense nas Diretas-Já.

INFLAÇÃO — O pensamento do saudoso Tancredo Neves sobre matéria econômica deve ser lembrado, repetido, analisado, principalmente nesses momentos de alvoroço: “O primeiro passo para o engajamento da sociedade brasileira na luta comum contra a inflação está na reconquista da credibilidade do Governo junto à opinião pública. Para tanto, o Governo terá de ser exemplar em matéria de austeridade e de competência. Sem o voto de confiança do povo brasileiro na administração da Nova República, as medidas econômicas voltadas para o controle da inflação, ainda que medidas tecnicamente corretas, estarão condenadas ao fracasso”. Repetir não ofende.

AGENDA DO EMPRESÁRIO

ÍNDICES

INFLAÇÃO

Junho	7,8 %
Em 12 meses	225,56%

ORTN

Junho	Cr\$ 42.031,56
Julho	Cr\$ 45.901,91

ALUGUEL

Residencial (junho/semestral)	68,81%
Residencial (junho/anual)	177,66%
Residencial (julho/semestral)	64,24%
Residencial (julho/anual)	172,47%

SALÁRIO-MÍNIMO Cr\$ 333.120

INPC

Junho	86,02%
Julho	80,30%

MVR (Maior Valor de Referência) Cr\$ 167.106
VRR (Valor de Referência Regional) Cr\$ 118.070
 (O INPS adota o Valor de Referência correspondente ao local de trabalho do segurado para pagamento do auxílio-natalidade. No caso do Rio Grande do Norte, Cr\$ 118.070. O mesmo indicativo serve para o pagamento do auxílio-funeral. Quando a pessoa que cuidou do sepultamento é dependente, o benefício corresponde a duas vezes o valor de referência da localidade do trabalho do segurado, vigente na data do óbito).

CADERNETA DE POUPANÇA (RENDIMENTOS)

Junho	10,56%
Julho	9,70%

CORREÇÃO MONETÁRIA

Junho (mensal)	10,01%
Junho (anual)	246,28%
Julho (mensal)	9,20%
Julho (anual)	246,30%

(A Correção Monetária mede a inflação dos três meses anteriores).

INDICATIVOS AGROPECUÁRIOS

Preço da Tonelada de Cana (Região Nordeste)	
Posta na esteira	Cr\$ 77.814,36
Preço líquido	Cr\$ 60.461,76

PREÇOS DIVERSOS AO PRODUTOR

Litro de leite (Clan) — Bruto	Cr\$ 750
Litro de leite (Clan) — Líquido	Cr\$ 731
Arroba do gado bovino (boi em pé)	Cr\$ 75.000
Quilo de suíno	Cr\$ 6.000
Quilo de ovino e caprino	Cr\$ 7.000
Custo médio da diária no campo	Cr\$ 11.000

— Fonte: Sertel S/C Ltda. (Dados válidos para o RN).

— IMPORTANTE —

IMPOSTO DE EXPORTAÇÃO (PRAZO DE RECOLHIMENTO)

• O Imposto de Exportação deve ser recolhido no prazo de 45 dias, contados do primeiro dia do mês subsequente ao do embarque da mercadoria, relativo aos produtos relacionados nas Resoluções 877/83 e 1.011/85, do Banco Central do Brasil (Portaria n.º 290/85), do Ministro da Fazenda, publicada no Diário Oficial da União de 07/06/85.

PREVIDÊNCIA PRIVADA

• Somente poderão ser objeto de dedução cedular ou abatimento da renda bruta, na declaração de rendimentos da pessoa física participante, as contribuições mensalmente pagas às entidades de Previdência Privada abertas e fechadas, para constituição de planos de benefícios de pecúlios ou rendas com prazo de resgate não inferior a 5 anos, vedada os planos à contribuição única.



Almeida

0 0 0

EXPLORAÇÃO MINERAL

• A Secretaria da Receita Federal, através da Instrução Normativa n.º 47, de 29 de junho do corrente, estabeleceu, para pessoas jurídicas que exercem adição de titular de licenciamento, autorização de pesquisa ou concessão de lavra, ao requererem autorização para impressão de documentos fiscais.

CONTRATAÇÃO DE SERVIÇOS (TRABALHADORES AUTÔNOMOS)

• A Secretaria de Arrecadação do IAPAS baixou Orientação de Serviço estabelecendo que na fiscalização de empresas seja verificada cuidadosamente a situação dos trabalhadores autônomos pelas mesmas contratados, a fim de evitar a sumária contestação de relações de serviço regularmente previstas na legislação previdenciária. No tratamento de profissionais regulamentadas, serão considerados os contratos sempre que os trabalhadores autônomos estejam registrados no órgão próprio de sua categoria e estejam regularmente inscritos no cadastro específico de Contribuintes Individuais mantido pelo INPS.

INVESTIMENTOS (CURTO PRAZO)

• Muito cuidado com as aplicações a partir de agora, julho. No último trimestre, até o dia 28 de junho, a correção monetária ficou ao lado do investidor. Na próxima temporada, porém, a CM poderá ficar abaixo da inflação. Assim, quem tiver dinheiro disponível para aplicar por 90 dias, está na hora de aproveitar as taxas oferecidas pelas Letras de Câmbio e pelos CDBs prefixados.



O TALENTO AO SEU ALCANCE.

— Além de Processamento de Dados, **SISTEMA** lhe oferece, agora, Cursos de Treinamento em **DBASE**, **VISICALC** e outros aplicativos de alta utilidade gerencial.

— Oferece ainda hora blocada em micro, com impressora.

— INFORME-SE: 231-4215 — 231-4890



SISTEMA

O talento faz a diferença

Miudezas

ADRIANO DE SOUZA

Heleno de Freitas.

Existe um átimo em que lucidez e loucura são um único estado. Nasce daí a neurose extremada, que produz as formas possíveis de genialidade, mas condena o artista à intolerância alheia. Por isso houve um que jogou contra a massa, implacável na aceitação do lugar-comum que aproxima, até a síntese, devoção e rejeição, idolatria e ânsia de aniquilamento.

Como de costume, o mito perdeu para si mesmo.

Didi.

A geometria não é uma ciência (?) rigorosamente exata. Se o seu artifice domina o avesso das coisas, às vezes a curva torna-se a menor distância entre dois pontos. Ele pode também subjugar o fluxo do tempo, instaurando a câmara lenta como ritmo supremo de velocidade.

E imprime ao ato de deslocar o corpo o mesmo peso do voo de um pássaro.

Garrincha.

O anjo torto que desafina o coro dos contentes não existiu apenas no poema de Torquato Neto. Ele viveu também na saga do anti-herói trágico que, como todos da espécie, findou devorado pela impossibilidade de reproduzir no curso normal da existência a fantasia dos seus lances enlouquecidos de imprevisão. Era um anarquista em estado puro, que perseguia mulheres, porres, passarinhos e joões na ânsia de escapar à rigidez geral imposta pelos senhores de plantão.

Exauriu-se no exercício da própria utopia.

Afonsinho.

Então a máquina avança sobre o indivíduo até engolir barba, cabelos longos, palavras extremas, negativas e demais ritos de rebeldia. O não se dilui na mecânica dos gestos que celebram a paixão. E a majestade dos que a proclamam decreta o esquecimento, permitindo somente a irrisória sobrevivência do símbolo, transformado em memória imprestável.

Os perdedores são sem história.

Dario.

O palhaço garante sempre as melhores cenas do circo, vulgarizando a tragédia de oferecer sua alma

aos dentes dos que gargalham ante sua própria imagem. Espelhos são mercadoria de venda assegurada, mesmo quando refletem os cacos do rosto de quem compra.

A comédia não pode parar.

Pelé.

Muitas vezes a sombra produzida pelo corpo de um homem não é negra. Nega o inegável — a realidade — dissimulando-o em branco, branco, branco...

O rei jamais consegue ocultar sua nudez.

Sócrates.

Como os animais, alguns homens aprendem instintivamente a defender o núcleo da vida — o grito. Transformam, assim, o suor exigido pela sua arte em instrumento de recusa. Rejeitam as fórmulas consagradas pelo uso cotidiano e descobrem no muro da mediocridade a fresta por onde fazem passar a alegria de Ser em liberdade.

Não há mordaca contra o verbo revoltoso.

João Saldanha.

As armas servem a todos. Se o gladiador é lúcido o bastante, entorta a lança do inimigo e derrota-o com ela. É indispensável, porém, aquele tipo de coragem que transforma a coerência em emoção pública, comungada. Em palavras que circulam no sangue de todos.

Dói, faz facilitar, demora, mas um dia acontece.

Tédio Porra.

Jornalismo não é expediente em repartição pública. Exige um talento bem mais amplo que o tirocínio necessário para colocar o papel na máquina como se introduz o cartão no relógio de ponto. Ou como se vai ao supermercado pegar nas prateleiras o prato pronto.

É algo inalcançável para quem sucumbe à tentação de «resolver» um texto apenas juntando, com alguma propriedade ortográfica ou semântica, sujeito, predicado e verbo. Chama-se, na verdade, ideologia, no sentido de arma contra isto que corre solto aí fora, zombando do sonho e esmagando os olhos de quem vigia o futuro.

A CHAVE DO TESOURO ESTÁ NO ELDORADO, O CONSÓRCIO NATALENSE.



O Consórcio Eldorado é o caminho que leva você do sonho à realidade do carro novo ou usado, de todas as marcas. Motôs também. A álcool ou a gasolina. Parece um sonho mas não é. Afinal, o Consórcio Eldorado trabalha com duas maravilhas da vida moderna: o automóvel e a moto. Em três anos de atuação o Consórcio Eldorado já entregou a seus consorciados 862 veículos novos. O pioneirismo também faz parte do Eldorado. Pois, foi o primeiro Consórcio a criar grupos de carros usados, e o sucesso já é tanto, que em menos de 90 dias já lançou um terceiro grupo desta categoria. Além do mais o Eldorado é o único Consórcio local, que trabalha com todas as marcas, sem burocracias



e sem perda de tempo. As muitas solicitações já comprovam o sucesso. O Eldorado, nesses três anos, já formulou 18 grupos de consorciados, sendo 11 para carros novos, 3 para veículos usados, e 4 de motôs, com aproximadamente 1.700 associados. Venha ao Eldorado. Fique à vontade em suas novas instalações com amplo estacionamento e exposição de veículos de todas as marcas, para sua maior comodidade. Quem compara fica com o Eldorado. Pois além de todas as vantagens oferecidas, o Consórcio estendeu aos seus clientes, a promoção da VW não aumentando o preço dos veículos dessa marca, durante o mês de março.



ELDORADO ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIO LTDA.

Av. Prudente de Moraes, 1108 — Tel.: 222-9246 — Tirol — Natal-RN.

OS NOVOS GOL 85 ESTÃO NA FRENTE.



VENHA FICAR FRENTE A FRENTE COM ELES.



MUDOU A CARA: OS GOL 85 TÊM NOVA FRENTE, HARMONIOSA, AERODINÂMICA.

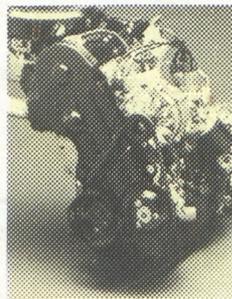
E MUDOU O CORAÇÃO: ELES TÊM NOVO MOTOR 1.6 MD-270 COM MAIOR POTÊNCIA, MAIS ACELERAÇÃO, AGILIDADE, ELASTICIDADE, E MUITA ECONOMIA.

ALÉM DISSO, OS NOVOS GOL 85 TÊM INTERIOR COMPLETAMENTE NOVO. BANCOS ANATÔMICOS, QUE DÃO MAIS CONFORTO AO MOTORISTA, E MAIS

ESPAÇO PARA QUEM SENTÁ ATRÁS.

ACABAMENTO INTERNO MONOCROMÁTICO COM NOVOS PADRÕES E CORES. CINTOS DE 3 PONTOS AUTOMÁTICOS, DE SÉRIE. ILUMINAÇÃO CENTRAL. CONSOLE, MARCADOR DE TEMPERATURA, E NOVOS DETALHES QUE OS ATUALIZAM AINDA MAIS.

NOS NOVOS GOL 85 SÓ O MELHOR CONTINUA COMO ANTES: A EXTRAOR-



DINÁRIA ESTABILIDADE. A DIREÇÃO LEVE E PRECISA, OS FREIOS

EXCELENTES E PRECISOS.

OS NOVOS GOL 85 JUNTAM A MELHOR TECNOLOGIA A TUDO DE BOM QUE O GOL JÁ TINHA.

AGORA SOME TUDO ISSO COM NOSSOS PLANOS DE FINANCIAMENTO COM TODAS AS FACILIDADES, E UMA AVALIAÇÃO INCRÍVEL DO SEU CARRO USADO, QUE VOCÊ VIRÁ HOJE MESMO CONHECER OS NOVOS GOL S/LS 85.

OS CARROS QUE ESTÃO NA FRENTE.



GOL S/LS

CONCESSIONÁRIOS AUTORIZADOS

MARPAS S.A.

TAVARES DE LIRA, 159 - PTE. SARMENTO, 592



DIST. SERIDÓ S.A.

AV. NASCIMENTO DE CASTRO, 1597